This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

276 c 29

H. 123.

DOMINUS ILLUMINATIO MEA

Taylor Institution.

M
1895

2 Vols
4/6

900/155

MUSA SUBLIMIOR
NATURÆ INTERPRES
LUIS RAFAEL
SOYE
Jer. de Barr: inv.

CARTAS PASTORIS
DE
MYRTILLO
ESCRITAS A' SUA LYRA
NA AUSENCIA
DA PASTORA ANARDA
DEDICADAS
AO JLL.^mo E EX.^mo SENHOR.
HENRIQUE JOZE'
DE CARVALHO E MELLO,
CONDE DE OEIRAS MARQUEZ DO POMBAL,
Do Conſelho de Sua Mageſtade, Gentil-Homem
da Sua Real Camara, &c. &c. &c.
POR
LUIS RAFAEL SOYE'.

Mudança de lugar menos de eſtado.
Naõ muda hum coraçaõ do ſeu cuidado. *Cam.*

TOM. I.

LISB. Na Offic. de Felippe da Silva, e Azevedo.
Anno M. DCC. LXXXVII.
Com Licença da Real Meza Cenſoria.

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY OF OXFORD
LIBRARY

Goſtozas ſaõ as lembranças
A hum peito namorado,
Quando vive acompanhado
De goſtozas eſperanças;
Mas quando triſtes mudanças
O tem em pontos mortais,
As lembranças canſaõ mais.

Silvia de Lizardo. Fr. Bernardo de Brito.

A QUEM LER.

SAõ os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andaõ ſempre de companhia os erros, e as diſculpas. Eu por hora me deſvio do caminho trilhado, naõ quero perdaõ de nada, quem achar, que dizer naõ me perdoe (nem ſerá neceſſario encomendalo) ſe me notarem o livro de roim, naõ negaraõ, que he breve, e eſcrito em lingua Portugueza, que tantos engenhos modernos ou temem, ou deſprezaõ, como filhos ingratos ao primeiro leite, ſervindo-ſe de vozes eſtrangeiras, por onde paſſaraõ como hoſpedes, ſem reſpeito á aquellas veneraveis càns, e ancianidade madura de noſſa linguagem antiga.

Jacinto Freire d'Andrade vida de D. Joaõ de Caſtro.

Muito ob Poeta o engenho póde darte
Mas muito mais, que o engenho o tempo, o eſtudo
Naõ queiras de ti logo contentarte. (a)

CONVENCIDO deſta verdade entreguei-me ſem reſerva á liçaõ dos Autores, que julguei mais capazes de me conduzir, e animar nas deficeis, e eſcabroſas ladeiras do Parnaſo, á cujas gracioſas Divindades offereço culto deſde os meus primeiros annos.

Naõ me foraõ porém o uzo, e liçaõ dos Metaſtaſios, e Heſiodos obſtaculos para ou-

(a) Ferr. cart. 12. l. 1.

outras aplicações por mais ſerias, menos apraſiveis a que me naõ quis furtar. Hoje deleitame Pietro Lupi, mas D'Alambert enſiname: as eſtravagantes, e piquenas producções, que as liberais Imprenſas abortaõ me perſuadem cada ves mais de que = (a) De bem eſcrever, ſaber primeiro he fonte o que taõbem Franciſco de Sá, e Miranda confirma n'h uã carta eſcrita a Joaõ Rodrigues, de Sá, em que lhe dis claramente, que = Tudo ſem ſaber, he nada.

Os talentos podem fazer hum Catulo hum Geſner, porém nunca dar aos ſabios hum Lucrecio, nem hum Roſſet, aos Lavradores. Homero, e Virgilio devem as coroas, que o meſmo tempo lhes conſerva freſcas, aos grandes conhecimentos ſobre que levantaraõ os ſolidos edificios, que os eternizaõ. Os Poetas ignorantes ſaõ huns de-

---

(a) *Ferr.* na meſ.

debeis copiſtas em todo o tempo. (a)

Conforme o que a meſma razaõ aprova, houve primeiro campos deſertos, que Povoaçoens, Aldeias, que Cidades, e por conſeguinte os homens foraõ primeiro Paſtores, que politicos, de donde ſe tira, que as Paſtoraes foraõ os Primeiros verſos, que no mundo ſe cantaraõ cujo principal objecto foi certamente o amor como paixaõ, que com o homem tinha naſcido: Os rios, os arvoredos, os troncos, as penhas teſtimunhas conſtantes de ſeus amorozos exceſſos, foraõ ſem duvida invocados primeiro, que as lavradas pedras, ou fundidos bronzes, que ao depois, já prevaricados chamaraõ Deozes.

Tendo pois ſido a amoroza paixaõ, o objecto dos primeiros verſos, que nos campos ſe cantaraõ, parece, que a Bucolica deve

(a) Les Poetes ignorans ſont toujours de foibles Copiſtes. *Cardinal* de Bernis.

deve ser julgada a Poezia mais terna como a mais susceptivel de sentimento; a mais amena, supostos os quadros camprestres, com que a deve ornar a imaginaçaõ do habil Poeta; Estas duas atendiveis qualidades de mãos dadas a levaõ a lisongear, e atrahir a mocidade; pois todos por propria esperiencia se podem convencer de que os homens antes souberaõ amar, que aborrecer; primeiro foraõ amantes, que fanaticos, ou crueis: Maria primeiro desejou ver o rosto de Felippe segundo, que a Cranmer na fogueira. Já o barbaro Nero, tinha gemido nos braços de Papeia, quando na abrazada capital de seu infelis Imperio dispos agradavel painel á sua feròs brutalidade.

Estas reflecçoens, o genio, e a idade; me obrigaraõ a que naõ encordoando a tumultuosa, desordenada Lyria de Petronio, e deixando com ella a estrondosa confuzaõ dos banquetes, em que os modernos Vitelios,

lios, ou Trimalcioens ſe alienaõ; foſſe para os campos tocar entre manſas ovelhas á ſombra pendente dos Loireiros, e Frexos a natural, e aprazivel Lyra de Teocrito, a cujo ſuave ſom, naõ cahia nos copos eſcumando o roxo licor, que Acetes miniſtrava; mas ao meu ver, os ventos ſe accalmavaõ, detinhaõ-ſe os ribeiros, as faias mais erguidas curvavaõ ſeus verdes ramos para ouvirem os verſos ternos dos Paſtores, cujas ſingelas ideias, e naturaes conceitos deſde logo me attrahiraõ de ſorte, que o Amador, e Agreſtes de Bernardim; o Melibeo, e Alpino de Bernardes me entretinhaõ, e agradavaõ mais, que os reprovados Anjos de Mylthon, os Centauros, e Pithoens de Taſſo; ou o Spectro de Ugolino, e as mais quimeras vans, que abortou a monſtruoſa imaginaçaõ do vate Protector do partido Gibelino, (a) com a liçaõ gra-

(a) Seria para dezejar, que eſtes homens ricos

graciosa; e simples de Francisco Rodrigues Lobo cheguei a esquecer-me de mim mesmo, o que nunca me acconteceo lendo os furores de Rolando, ou as avarias de D. Joaõ de Austria.

Lidos os nossos Autores, e sentindo-me ainda pouco satisfeito, saltei a barreira, e passei a examinar nos Estranhos os que mais se tem distinguido neste genero de Poesia; os descuidos d'huns, e os erros de outros ao mesmo tempo, que me animavaõ convenceraõ-me da razaõ com que Horacio, querendo exagerar a raridade, e excellencia deste precioso dom, julga necessario para se alcançar com justiça, e merecer dignamente o Illustre nome de Poeta, a posse nativa d'hum engenho, d'hum entendimento, em que brilhe a Di-

vin-

---

de talentos os tivessem delirado menos.

vindade (*a*) e disto persuadidos os Romanos chamaraõ sempre vates a seus Poetas. Nosso Ferreira esclama.

> Dom dos Ceos dado à terra, oh raro
> Dom. (*b*)
> Dom Divino, Dom raro quam baxo
> anda. (*c*)

Cheguei com gosto a achar nos livros, que além dos nossos folheei as fontes, onde muitos, ou para melhor dizer a maior parte escassos em criar, foraõ colher ideias, julgando erradamente serlhes mais decoroso o entrarem mascarados no bando dos brancos Cysnes como a Gralha de Phedro carregados de alheios despojos, do que entre elles com gloria, e proveito da literatura cantar dignamente menos, porém melhores versos.

Além desta utilidade, que tirei da li-

çaõ

(*a*) Carta 4. do 1. liv.
(*b*) Carta 11. do 1. liv.
(*c*) Arte Poet.

çaõ constante dos Poetas mais cultos, que revi como quem escrevendo ainda neste genero dezeja felismente tocar huma Lyra, a cujo grato som.

As lindas Garças, os fieis amores,
As virtudes gentis dos Ceos baxaraõ (a)

Observei, que assim como os Pastores amantes de Fr. Bernardo de Brito, de Garcilaso, Walsh, Sanazaro, Gesner, Des-Houlieres, e Moscho falaõ diferente linguagem, pensaõ tambem de diverso modo: todos seguem as preocupações, e costumes nacionaes, deque jamais se afastaõ; esta reflexaõ fes-me largar o erro, com que inconsideradamente me havia familiarizado; cheguei a persuadirme, que o Pastor dos contornos de Sygan, (b) pensaria como o Marcello do Padre Soto, que nos campos do

(a) Garçaõ. Ode 14.
(b) Cidade da China em 126. gráos de longitude, e 35. 50. lat.

ďo Bethis chorava pela Paſtora amada, convencia-me, que ſendo huma a natureza, e huma a paixaõ, que os Paſtores mais geral, e particularmente cultivavaõ o Myrſon de Byon, ſimpatizaria nas ſuas ideias com o Caſtalio de Ferreira; a Marſida de Jorge de Monte Mór com a Paſtora do Languedoc, que nas margens freſcas do Garona canta os verſos, que ſeu Paſtor lhe enſina, em quanto a ſeu ſabor paſta o gado; e que o Menalca de Virgilio devia nos ſentimentos ſer analogo ao Palemo de Fontenelle; mas felismente achei, que todos nos ſeus diſcurſos caracterizaõ ſeus reſpectivos paizes: Myrſon he ſuave, Melanca judicioſo, Marſida leve, Caſtalio terno, foſo Monſieur Palemo.

Com eſtes conhecimentos já menos eſcrupuloſo fiz o meu Myrtillo Portuguez, pois foi o caracter, que mais me agradou, e como na paixaõ amoroſa todos ſe davaõ as mãos, quiz antes com o maior numero fa-

zer

ſer meu Paſtor amante, do que fingiló Político com Franciſco Rodrigues Lobo, ou Santo com Fr. Agoſtinho da Cruz; e Baltazar Eſtaço, pois para o ſer nunca julguei precizo alterar a Poeſia, profanando a ſempre reſpeitavel Divindade, a quem devemos antes amar, que eſcrever inſulſas, e inconſequentes Eclogas.

Vendo, que em todas as Nações, e tempos os Poetas bucolicos fizeraõ naõ ſó, que os ſeus Paſtores foſſem naturaes nas ſuas ideias, ſingelos nos ſeus diſcurſſos; mas que os obrigaraõ conſtantemente a ſerem ſimplices até na propria linguagem; cuja pureza nunca perderaõ de viſta, razaõ, por que nos Gregos Latinos, e nos mais, que ſe ſeguiraõ a Poeſia campeſtre adptou, e ſe apropriou d'huma fraze ſolta, e corrente com certa colleçaõ de termos quaſi tecnicos, de cuja branda, e variada ſignificaçaõ ſe ſerve: vendo que =

Do que se antigamente mais prezavaõ
Todos os que escreveraõ, foi honrar
A propria lingua, e nisso trabalharaõ:
Cada hum andava pela mais ornar,
Com copia, com sentenças, e com arte
Com que podesse d'outras triunfar. (a)

Conhecendo a precisaõ da sã linguagem, e proprio estilo nas poesias campestres; assentei, em que Myrtillo havia de escrever à sua desgraçada Lyra as magoas, que soffria ausente da Pastora amada, com a fraze de Bernardim, de Fr. Bernardo, de Francisco Rodrigues Lobo, e dos mais, que com os versos octavos a fazem mais corrente: e para verificar o melhor, que me fosse possivel, esta minha taõ justa determinaçaõ, naõ só li estes exemplares, mas extrahi delles todos os termos, de que vi faziaõ particular uso: excluindo porêm todos, os que hoje seriaõ para a maior parte

(a) Ferr. cart. 3. liv. 1.

dos leitores desconhecidos por nimiam
antigos, ou desuzados, como estes de F
cisco Rodrigues = *Brial tinha leonad*
Capirote azul pombi

Além destes exclui todos os mais,
como fatal herança nos deixaraõ al
Escritores apostatas venaes da propria
gua, que cedendo a huma rasteira, e
gonhosa adulaçaõ servilmente quizera
songear os futuros tiranos de seus ne
corrompendo a lingua mãi, a pura li
de seu pais natal, com os redundantes
mos, viciando-a com o prolixo estill
endurecendo-a com a violenta fraze em
D. Francisco de Velasco lamentava fugi
ver perdido o que hum acaso lhe dera
principio autorizado por alguns escri
que lia menos escrupuloso, e inocente
corava tinha adoptado muitos vocab
que ao rever as minhas cartas risquei,
telos tambem encontrado nos versos
Luis de Gongora, de Boscan, de Garc

uficiente fundamento, para supolos intrusos, e por conseguinte develos afastar de huma lingua, que para ser rica naõ preciza de alheios tesouros.

Aproveitemos das linguas estranhas aquelles termos, de que inda carecemos, cuja expressaõ naõ possamos remediar senaõ recorrendo á prolixa circumlucuçaõ: *assomar* verbo (*a*) Espanhol, sirvo-me delle, pois além de ser expressivo, naõ temos com que remediar a sua falta; mas nunca approvarei que por tristeza, escrevamos tristura, por dançar, bailar, nunca verei com gosto desprezados os nossos termos em obsequio ás linguas estranhas.

Parece-me, que devo fazer notar a quem ler estas reflexões, que com ellas protege a lingua Portugueza na idade de vinte seis annos, hum Estrangeiro educado em Portu-

B ii

(*a*) Y luego se asomo su Senhoria. = Por los balcones de la Aurora fria. = *Viage del Parnaso. Por Miguel de Cervantes, Saavedra*

tugal onde reconhecido se acha nos seus escritos forcejando por favorecer huma lingua, que injustamente alguns dos nossos chamaraõ pobre, querendo com huma taõ clara impostura justificar os damnos, que lhe haviaõ feito viciando-a: outros com a mesma vergonhosa desculpa, chamaraõ-lhe dura; autorizando esta blasfemia, com que a si mesmos atentavaõ, com os versos da Henriqueida, sentenciando taõ leves, e injustos, como os tiranos da literatura em França, que por verem a dureza dos antigos versos passaraõ precipitados a attribuir á propria lingua os defeitos, descuidos, e omissoens dos Poetas: porém assim como Racine, e Voltaire manejando-a com mais delicadeza, e arte lhe restituiraõ o perdido credito, e cultivando-a cuidadozos a indemnizaraõ da recebida, injusta offensa, e desmerecida infamia, assim os nossos bons Portuguezes lendo os immortaes versos do respeitavel, e nunca assás chorado Garçaõ, concluiraõ com a nossa erudita D. Bernar-

da Fereira de Lacerda, que a lingua Portugueza he doce; canta no ſeu Poema a Heſpanha libertada, falando ao ſeu Paiz.

Confieſſo de tu lengua, que merece
Mejor lugar deſpues de la Latina
Com que em muchas palabras ſe parece;
J es como elha de toda hiſtoria digna:
Empero el ſer tan buena la eſcurece,
J aſi la eſtranã gente nunca atina
Com ſu pronunciacion, y dulces modos
J la Eſpanõla es facil para todos.

Julga a desleal Portugueza, que ſatisfaz a offenſa, com que leza a ſua ligitima Patria eſcrevendo n' hum edioma eſtranho; por chamar, e enaugurar a lingua, que ingrata abandonou, por legitima filha da Latina, querendo á perdida latinidade atribuir a energia, que a lingua Portugueza ſempre reconheceo por propria.

Eſta oitava convencer-nos, de que ella ſeguia ás cegas eſta entre nós já antiga, e a rraigada preccupaçaõ: ſe chamaõ á noſſa lin-

lingua filha da Latina por se acharem nella alguns termos deque Hortensio, e Cicero se serviraõ; deste mesmo titulo se pódem munir todas as mais linguas hoje vivas; pois como a lingua Latina conseguio universalizar-se, depois na desmembraçaõ do Jmperio dividiu-se em tantas porções, quantos foraõ os retalhos, em que os barbaros cortaraõ a bandeira do immenso estado, que Venus protegia.

Todas as naçoens adoptaraõ termos, que apropriaraõ com damno sensivel, e quasi irreparavel das linguas nacionaes: o espirito de novidade com detrimento dos proprios termos, lançou maõ dos Latinos: de abundancia, se servio Tito Livio, Julio Cesar, e os mais Escritores do Lacio, e se a nossa lingua he filha da latina por servir-se delle tambem, devem gozar desta mesma filiaçaõ a Jngleza, a Hespanhola, a Franceza, e a Jtaliana, que o conservaraõ: demais se basta a huma lingua para chamar-se herdei-

ra de outra, o lançar maõ de ſeus termos; a noſſa lingua deve igualmente chamar-ſe filha da Franceza pois eſcrevemos chapeo, quando os Francezes com pouca mudança eſcrevem *chapeau*: e pela meſma razaõ de todas as mais; pois da maior parte tem palavras ſemelhantes, e muitas vezes as meſmas, com pouca, ou nenhuma alteraçaõ: damno, que pelo ordinario vem ás linguas dos máos tradu͏ctores, cujos indiſculpaveis deſcuidos huma prejudicial facilidade canoniza: pronunciamos vocalmente com os Jtalianos, matar com os Heſpanhoes; matrimonio com os Inglezes, neſte termo tambem ſe encontraõ com os Heſpanhoes, e Italianos

Deſtes e de outros infinitos vocabulos, que podia apontar, devemos concluir, que todas as linguas mutuamente ſe empreſtaõ palavras, com que ſe viciaõ; lezaõ, que podiaõ mui bem os Eſcritores ter evitado ſe em lugar de mendigarem ſervilmente alheios termos, ſe tiveſſem dado ao trabalho

de

de os formar, ou criar de novo, enriquecendo fieis a primitiva ſempre reſpeitavel linguagem: e ſe ao menos ſe contentaſſem com buſcar nos eſtranhos os termos, que nos faltaõ, mais lugar havia para a diſculpa: mas tomara ver juſtificado com ſolidas, e convincentes razões o fatal, e ridiculo abuzo com que hoje deſcubertos repetem gages, em lugar de penhores, e prejuizos por preoccupações.

Nos meus verſos, quem os ler com attençaõ mais de huma vez achará termos deſconhecidos, que formei, ou criei autorizado naõ por Horacio, mas ſim pela precizaõ, unico Juiz, que em ſemelhantes materias conſulto: antes quero formar ſeixal de ſeixo, termo noſſo, que hir buſcar o ſaxum dos Latinos para dar aos Portuguezes ſaxatil como fez o Camoens. (*a*)

Em primeiro lugar julgo indiſpenſavelmente neceſſario o eſtudo da lingua, a quem dezejar, ſenaõ diga de ſeus verſos, o que

(*a*) Egloga 6.

com Bernardes, digo hoje de alguns, que me vem á maõ, pois como elle.

Eu li já versos, que para entendelos
Compria ser Merlim, ou Nigromante.
Ou andar com Apollo aos cabellos.

E o peor he, que por mim mesmo de dia em dia fico disto mais convencido, e me convenço de novo, quando passo pelos olhos o meu Poema amatorio, o sonho Erotico, que imprimi, no qual por ser o fruto de meus primeiros annos, naõ fui taõ exacto na linguagem, como hoje o seria, e além disto como nelle me propuz dar à nossa Poesia hum novo gosto; a vivesa, e colorido de seus novos traços, fez-me ser menos escrupuloso na linguagem. Jà que a occasiaõ se me offerece, direi destes meus primeiros versos em portuguez, o que dos seus na sua lingua por acaso me disse hoje o preseguido Horacio Frances, Joaõ Baptista Rousseau, no seu Prologo,

„ Sem fazer alarde de huma affectada

mo-

„ modestia, posso affirmar, que depois,
„ que se dicidio o publico a falar de meus
„ versos; nem a approvaçaõ de muitas pes-
„ soas Illustres, que repetidas vezes dese-
„ jaraõ ouvilos, nem os forçados louvores
„ dos novos, difficultosos Aristarcos, que
„ me fizeraõ o obsequio de me naõ julgarem
„ indigno de seu máo humor; nunca me
„ puderaõ inspirar aquella favoravel op-
„ piniaõ taõ natural aos Auctores, quando
„ imprimem: e apezar do cuidado com que
„ prezentemente joeirò os meus versos,
„ confesso de boamente, que rara vez me
„ succede ficar delles satisfeito.

„ Tambem, longe de julgar, ou que-
„ rer seja altamente louvada a resistencia,
„ que oppuz ás instancias com que meus a-
„ migos me perseguiraõ até fazer-me ceder
„ à imprensa confesso, que na minha re-
„ sistencia tanta foi a vaidade, quanta a mo-
„ destia, e póde ser, no cazo, que me fora
„ posivel, nunca teria cedido a dar que fa-

zer

„ zer aos Impreſſores, bem certo, de que
„ hum Eſcritor amigo de huma ſolida
„ gloria, reconhece ſempre curta a vida pa-
„ ra della gaſtar a metade em criar, e o
„ reſto em corregir o ſeu livro.

„ Mas o que até aqui ſeria moderaçaõ
„ digna de louvor: Hoje em mim ſeria in-
„ ſenſibilidade ſem eſcuza: ſuppoſto o eſ-
„ candaloſo abuzo, que huma corja de pre-
„ occupados velhos, e Poetas invejoſos
„ com as envenenadas linguas fazem cada
„ dia de meus verſos, á ſombra de minha já
„ culpavel indiferença.

Robertſon diz, expondo a frieza com que as propoſtas de Colombo (em todo ſentido fataes á precioza eſpecie humana,) eraõ recebidas na abuſada Corte do Catholico Fernando, e da enganada Izabel; digna de compaixaõ pela dura, e fatal aſcendencia que ſobre o ſeu cetro, e animo, tinhaõ tomado, Medina Cidonia, Medina Cœli, e os mais amigos de Lenzoli: diz Ro-

ber-

bertzon, (*a*) que a ignorancia, e a pusilanimidade de mãos dadas, gritaõ sempre de quem emprhende: que he grande presunçaõ n'hum particular, o julgar-se só possuidor de conhecimentos superiores aos adquiridos pelo resto dos homens. Se de mim, que naõ prometto augmentar os mapas, descobrindo terras novas, mas sim dar á nossa literatura generos de Poezia entre nós desuzados, e alguns como os Dithyrambos, pelo novo toque, novos em toda a parte: se á vista de meus versos a ignorancia se servir da mesma inconsequente fraze, naõ conseguira abalar-me, se naõ quando algum de seus mais queridos alumnos (pois saõ os que nos perseguem) no mesmo tom, em que me proponho tocar, me exceder no canto, entoando mais dignamente. Escrever melhor, sempre foi, e será o mais serio, e util modo de criticar.

Tornando ao deixado asunto: deve aprender primeiro que tudo, bem a nossa lin-

(*a*) *Hist.* da. Amer. tom. pag. 111.

gua, quem nella ſe propuzer ſer Autor, para além de eſcrever dignamente, conhecer melhor na ſua riqueza a injuſtiça comque a offendemos, e danificamos, mendigando eſtranhas palavras, com deſpreſo das proprias, que ou por ignorancia deixamos eſquecidas, ou por huma culpavel pedanteria envilecemos. Menos extravagantes, e mais fieis ao Egoiſmo nacional; forcejemos por naõ entrar no grande numero, de que já hoje infeliſmente ſe compõem aquelle povo barbaro de quem diz Ferreira. =

Qual ſerá aquelle povo taõ perdido,
Que a ſi naõ ſeja mais affeiçoado,
Que a outro eſtranho, e pouco conhecido.

Suſtantivemos os verbos; dos noſſos já conhecidos legitimos termos proprios, formemos reſolutos os verbos, que nos faltaõ, para evitarmos as inſipidas circumlucuções; lembrados, de que os verbos saõ os que enriquecem, e conſolidaõ mais as linguas, pois ſimplificando-as as facilitaõ.

En-

Enriqueçamos a noſſa lingua dando-lhe aquella energia de que ella he capaz, e aſſim poremos hum obſtaculo á vaidade, comque em ludibrio noſſo, e das mais naçoens os Francezes já ſe liſongeiaõ de fazer univerſal a ſua lingua, e levantar-lhe o trono ſobre as ruinas das outras, que deſgraçadamente ſe vem pelos ſeus meſmos ſacrificadas. Sejamos taõ amigos da noſſa linguagem, que poſſamos dizer.

Ditoza lingua noſſa, que eſtendendo
Vais já teu nome tanto, que ſeguro,
Inveja a toda outra ira fazendo. Fer.

Depois de conhecer a grande obrigaçaõ, em que eſtá o Poeta de proteger, e cultivar a lingua, paſſei a examinar as regras, que nas ſuas artes lhe preſentaõ Ariſtoteles, Horacio, Vida, Boileau, Marmontel &c. e de todas a que mais me agradou foi a do eloquente Autor da hiſtoria da lamentavel deſtruiçaõ do imperio dos infelizes Incas: por ver nella, que a habil pena, que a eſcre-

vera

vera naõ fora movida por homem pertencente ao *servum pecus* de que Horacio mofa: quiz *Marmontel* apartar-se do trilho, e por si fazer caminho novo, impresa, que sendo tanto do meu genio, e sistema de necessidade me havia de agradar. A invençaõ he verdadeiramente a que caracteriza os genios, conforme o Cardeal de Bernis, que ainda acressenta, que nas artes quem naõ cria de novo naõ merece o nome de homem grande. (*a*)

Declaro com o Autor da Biblioteca d'hum homem de gosto, e com outros mui atendiveis Escritores a cujos importantes votos ajunto desde hoje o meu; que sempre me parecerá vã, e futil a mania esteril de quererem estabelecer principios, e prescrever regras para a boa Poezia; emprendendo por ellas fazer-nos achar o mais certo, e infallivel trilho para elevalla, ou abatella.

No

(*a*) *Discurso sobre a Poesia*

No livro, que traduzio Mr. Eidous impresso em 1766. com o titulo de *Kau-kiou-Choan* achaõ-se paginas cheias de Poesia chinesa, que arrebataõ a quem as folheia com reflexaõ. e gosto; pois seus Autores naõ leraõ certamente Horacio como nos seus versos o deixaõ bem ver: muitas vezes recorri a este livro obrigado pela insipidez, e aborrecimento, que em meu espirito tinhaõ produzido, a monotonia, secura, esterilidade, e dureza de outros, cujos Autores sabiaõ de memoria as artes mais difuzas.

Expliquem a simples mecanica da versificaçaõ, caracterizem levemente os differentes generos, e no mais deixem obrar a natureza: como se hade verificar nunca, que brilhe emparedado entre amontoados preceitos hum dom, que se naõ compra, nem adquire. Gabriel Pereira de Castro escreveo o seu Poema a Ulisseia, com o prumo na maõ, com o compasso aberto, com as

ins-

instrucções aos filhos de Luzio Pizaõ á vista. O genio affastou muitas vezes a Camoens dos preceitos : e qual será a alma estragada a ponto de senaõ embeber mais com os descuidos do sublime Cantor das Luziadas, que com as acçoens de Ulises cantadas com tanta fidelidade ás regras.

Riome quando vejo Fontenelle, Antonio Ribeiro, Francisco Rodrigues Lobo, o enigmatico, indigesto Francisco de Pina, e outros escreverem dez eglogas temendo constituirem-se reos de leza arte, alterando o cazual numero das que escreveo Virgilio. Chaulieu, la Motte, o Abbade de L'Ataignant, e Joaõ Bonifonio, por curtas deixaraõ muitas vezes as suas Odes amatorias, ou insultas, ou incompletas; assentando, que era melhor deixallas defeituozas, e muitas vezes sem fexo, que offender a Anacreonte passando com huma estrofe, ou duas os limites, em que o vinho, ou ardencia amatoria lhe fez terminar as suas.

 O Sa-

O Sabio Montesquieu querendo louv
o Abade Oliva, diz (*a*) sempre me lemb
rei com prazer dos momentos, que pal
na sociedade literaria d' aquelle illumina
Italiano, que taõ felismente se soube fur
ás preoccupaçoens nacionaes. Este respeita
voto, unido ao do judicioso Lyttelton
produziraõ em mim huma proveitosa d
confiança, que me escuda contra as supe
tiçoens literarias.

Termino, o que diz respeito ás regr
declarando, que depois de lidas, combi
das, e analizadas bem as que conheço c
clui, largando-as, que o meu Mestre de
ser a natureza: contentei-me com saber
os versos, que a tristeza inspira chamaõ
Elegiacos, e Baquicos os que faz canta
espiritozo Falerno.

Agora todo o meu cuidado consiste

e

(*a*) Suplement. aux lettres familieres, lettre. Mort. 14.

espreitar o estado actual de meu espirito; quando o sofro triste fasso Elegias, Dithyrambos quando o prazer me circula as veias. Pastoraes quando o acazo me leva aos campos, e tenho reparado, que agradecida a natureza a pezar de meus rigurosos Censores da-me muito mais sonoros, e correntes versos: Ella cria os Poetas, ella reserva para si todo o direito de os conduzir, e aperfeiçoar: já mais instruido, e por conseguinte menos preoccupado naõ dobro idolatra servil, os joelhos a esses antigos Colosos, que Dacier, La Moneie, e os outros membros de seu capricheso bando adoravaõ cegamente; aconselhado por Young, (*a*) e animado por meu genio busquei, e achei os dois livros, unicas artes, que os Poetas devem folhear quando em si nutrem o nobre desejo de merecerem taõ alto nome; o primeiro he o coraçaõ para o sentimento; o outro acharaõ sempre aberto nos campos, em cujas diversas pinturas deve o

(*a*) *Comp. Orig.*

Poeta aprender o modo de unir as cores, e lançar os traços com que hade ornar as ſuas Poeſias. As liçoens, que a natureza deu a Taiſniere nos montes, e prados levaraõ ſeus Paizes ás ſalas de Luis XIV. e naõ as artes, a quem naõ quiz dever mais que o facil conhecimento da miſtura das tintas, e preparaçaõ dos mais precizos inſtrumentos. Com a liçaõ deſte agradavel livro eternizou o delidado Ticiano a ſua memoria.

Mais que tudo me anima a certeza, em que eſtou, de que eſtes dois livros por muito difuzos naõ foraõ enteiramente lidos pelos antigos, (*a*) a quem naõ tenho a vaidade

(*a*) Je ſuis charme d'un Auteur que s'efforce de vaincre les Anciens, ſuppoſe meme qu'il ne parviene pas a les egaler. Le publique doit louer ſes effors, l encurager, eſperer qu'il pourra atteindre encore plus haut dans la ſuite a admirer ce qu'il á deja d'approchant des Anciens modeles. Feliciter audet. *Fenelon dialogue ſur l'eloquence.*

dade esteril, de querer exceder, mas sim o desejo de me naõ encontrar com elles nas minhas ideias, cada vez mais animado occupome presentemente em despegar com muito cuidado as folhas, que por falta de tempo, ou de curiosidade naõ viraõ.

Da Sabia, e respeitavel natureza diz o Abbade de Venuti no retrato, que fez de Mad. Mirepois, recebeu toda a sua beleza sem soccorro da arte, ou estudo: eu do mesmo modo, digo, nas razões que apontei, que á natureza, e nunca á arte deverá o Poeta os rasgos, que o imortalizarem. O nosso Horacio, o grande Garçaõ escreveo. = apontando os requizitos necessarios para a perfeiçaõ do Poeta.

Mas he precizo grande genio; longo;
E escolhido estudo; ouvir a todos
Seguir a poucos; conversar c'os mortos

Já muitos antes delle tinhaõ dito isto mesmo, e deve-se notar, que primeiro falla no genio, que he o prezente da natu-

reza,

reza, que no estudo, posto que sem elle naõ a possa conhecer o Poeta, e por conseguinte nem pintala; de seus versos se tira mais, que naõ he o estudo seco, dos redundantes preceitos da Poetica; mas sim de todo aquelle, que liga o homem á sociedade, enriquece o seu entendimento, e o faz util, e agradavel. (*a*)

Firmado no que tenho dito, sempre desejei dar ás minhas composiçóes mais genio, que arte lembrado de que Abailard no excesso de sua dor sem socorro da arte Poetica, escederia sem duvida no genero ellegiaco a Dusch, que taõ puntual a seguia; A fim de por em pratica o meu sistema como já disse imprimi o meu Poema o Sonho Erotico n'hum gosto novo, de que se pode convencer, quem lendo primeiro os nossos bucolicos o ler com animo imparcial. Constante no meu sistema abando-

nando

(*a*) Et prodesse volunt, et delectare Poetæ.

nando Sonetos ; Eglogas ; e Idilyos para ſatisfazer á obrigaçaõ, que Horacio põem aos Poetas de deleitar , e vendo que iſto nas belas artes raramente ſe conſegue ſem a novidade : dei ás minhas paſtoraes além do novo eſtilo, e traços, o titulo de Cartas, que por novo poderá conciliar mais a attençaõ dos affeiçoados ás carinhoſas Muſas. Recorri á invençaõ ſem a qual ſegundo o penſar, além d'outros do Conde de Zanowich naõ ha poeſia. (*a*)

Dos Poetas, que naõ inventaõ, julgo falará Catulo quando diz, que os peſſimos Poetas ſervem de incomodo ao eſplendor do ſeculo, (*b*) agora com D'Alambert declaro, que iſto naõ ſe deve entender de muitos homens reſpeitaveis hoje vivos, que ſempre venerarei, cujos conhecimentos, e genios,

(*a*) La teſta d'un Poeta ordinario, é come un mortajo d'un droguiſta. *Reflex. Filoſ. Mor.*
(*b*) Sæcli incomoda peſſimi Poetæ.

nios, e ſobre tudo a voz do publico exceptuaõ (a) deſta inſignificante tropa, de vãos trovitas, que eſtereis ſe ficaõ n'huma ſervil imitaçaõ.

Emprendi, eſte novo eſtilo epiſtolar bucolico, por me parecer, que a ſingela fraze, e verſo corrente á que elle me obrigava, ſatisfaria melhor ao fim, que me propuz deſde logo, o qual conſieſtia no deſejo, em quanto a mim louvavel, de facilitar entre nós a feliz introducçaõ de alguns generos novos de Poeſia, ou ao menos o uzo deſſes, que prezentemente fazem as delicias da iluminada Europa; e em ſegundo lugar eſcrevo para as almas ternas, e ſenſiveis, cujo favor ſó me intereſſa, e ao reſto exercitando meu genio, convenço do deſejo que me anima de ſatisfazer com o que meus aca-

nha-

(c) Reflexions ſur la Poeſie mel. de lit. *tom.* 5.

hados talentos podem o muito; que de-
o ao ſeu Paiz; onde incanſavel ſempre
nçarei mão de todos os meios, que
: me offerecerem de ſer util.

CARTAS PASTORIS
DE
MYRTILLO.

CARTA I.
AO ILL.mo EX.mo SENHOR
MARQUEZ DO POMBAL

GRAM Senhor, que na Cidade
Tendes ſempre alta valia;
Cujo nome neſtes campos
Inda apraz, como aprazia:

A-

A quem os ternos paſtores
    Amaõ inda agradecidos,
Homens naturaes naõ ſabem
    Negar os bens recebidos.

Graõ Senhor, que por coſtume
    Sem pejar-vos meu çurraõ,
Me lançais benignos olhos
    Em que falla o coraçaõ:

Vós, que por minha ventura
    Tendes huma alma capaz;
De eſtimar, e alçar aquelle
    Em que alguma prenda jàz.

Do triſte Paſtor Myrtillo
    Offrenda acceitai ſincera;
Vai com ella a ſã vontade
    Com que a alma dar-vos quizera.

Porém a alma dar naõ poſſo,
    Pois a dei á Arnarda bella;
Dei-lha, dei-lha toda inteira
    Logo, que cheguei a vella.

Se fiz mal naõ tenho a culpa;
Nem eu a ponho em ninguem,
Em mim guardou natureza
Inſtincto, que a culpa tem.

Bem ſabeis, que Amor ſevero
Nunca deu ſatisfaçaõ,
Penetra cô os meſmos ferros
Dura malha, alvo çurraõ.

Naõ vos mando em verdes fetos
Maduras, goſtoſas fructas;
Tenros cordeiros manchados,
Nem vivas, pintadas Trutas

Naõ vos dou, Rozas vermelhas;
Goivos; nem Cravos cheiroſ
Coroas de creſpa Murta;
Nem freſcos feſtoens viçoſos.

Myrtillo vos manda humilde
Os ſeus verſos namorados:
Verſos duraõ mais, que as flores
Zombaõ dos ventos irados.

Offreço-vos co' o mesmo gosto,
Com que a çepa se pensara;
Dera seus dourados caxos
A quem benigno a plantara.

Estes saõ aquelles versos,
Ternos, tristes, saudozos,
Que aos vossos olhos prenderaõ
Os ribeiros presurosos.

Saõ aquelles mesmos versos,
Que vós me ouvieis cantar;
Aquelles, que por mui tristes;
Vos faziaõ suspirar.

Como saõ filhos singelos
Destes florescentes prados,
Haõ de entrar pela Cidade
Olhos baxos, accanhados;

Vergonhosos, e encolhidos
Haõde-se á gente furtar;
Haõ de esconder-se medrosos
Se o vosso amparo os deixar.

O que posso assegurar-vos,
He que todos ajuntando
Ante os meus chorosos olhos;
Que elles viaõ suspirando.

Preguntei-lhes, quem pediaõ
Na Cidade à seu favor;
Todos a huma disseraõ
De Oeyras ao Graõ Senhor.

Mandei-os entaõ vestidos
Com os trages pastoris;
Vendo, que eu era Pastor;
Ao meu uzo ornalos quiz.

Darvos-haõ dos campos novas
Na linguagem dos Pastores
Pintar-vos-haõ os retiros
Onde choro os meus amores;

Se ao chegar a vós coitados
Naõ podendo disfarçar
Gemerem, ou suspirarem
Lembrados do meu pezar:

Se

Se os pés vos molhar ſeu pranto
Delles tendes compaixaõ,
Saõ filhos de huma alma triſte
D'um ſentido coraçaõ.

Ao voſſo amparo os entrego,
Defendei-os com Amor,
Dos crueis lobos malvados,
Que já ouivaõ de redor.

Guardai-os Senhor benigno,
Qual eu guardo a manſa rez;
Dos olhos da torpe inveja,
Que os olhaõ já de travez.

Affagai-os, que eu os mando
N'um tempo taõ deſgraçado,
Que accoſadas hoje as Muzas
Vem a nós do povoado.

Acolhei com meigo rizo
Eſte meu terno penhor;
Pois ſó faz de verſos cazo,
Quem bem ſabe o que he Amor.

SONETO.

JA fria Delos, cujo fundamento
Do Egeo as ondas tumidas formavaõ;
or Jupiter as Musas esperavaõ
anhadas de immortal contentamento:
:e era ver Apolo em seu assento
Lyra temperando, onde soavaõ
'aõ gratos sons, que alegres despertavaõ
's mudos povos do salgado argento:
e era ver em torno de huma Pyra
's virotes quebrados, e dispersos,
ye amor contente pelo chaõ atira:
entra Jove, e Deózes mil diverssos:
polo toca a sonoroza Lyra,
as Muzas cantaõ de Myrtillo os versos

Evandro Alphesibeo.

DECIMA.

AMOR que os versos inspira,
Estas cartas lendo a Erato,
Que ao som do Aonio regato
Affinava a grega Lyra;
Lhe diz... terna Musa admira
Este novo Luzo estillo,
E fico depois de ouvillo,
Que do bipartido Monte,
Daràs parte à Anacreonte,
E a outra ao brando Myrtilo.

J. Ign. de Sex. Brand.

SONETO LYRICO

Nos meus fogosos Etontes
O longo açoute assentando;
Vou ligeiro galopando
Para os Sicilicos montes:
Ali vejo os çujos Brontes
Agudas settas forjando;
E Vulcano as temperando
Dentro de frigidas fontes:
Eis que entrava o Deos vendado;
Sem aljava: para ouvillo,
Fui-me pôr junto ao seu lado:
Quando rindo, diz tranquillo,
Tenho do mundo triunfado,
Só co' os versos de Myrtillo.

Evandro Alphesibeo.

Ceſſe já dos Paſtores de Arno a fama
Doce me he voſſo canto, e doce ſeja
Meus Paſtores, a quem mal vos dezama:
Ambos iguaes no canto, inda ambos veja
Muitos annos cantar, e vejais cedo
A alma cheia cada hum do que dezeja
Sem pender de eſperança nem de medo.

Ferr. Egl. 5.

Inftrumento contente, que algum dia,
Fofte alivio de meu fentimento:
A cujo fom fuave, e molodia
Ouvio a caufa delle o meu tormento.
Ficai prezo nefta arvore fombria,
A onde vos toque agora o furdo vento;
Que eu, que parto chorando defta aldeia
Mal poderei tocar em terra alheia

Francifco Rodrigues Lobo.

CARTA II.

MINHA Lyra mal fadada;
Lyra do meu coraçaõ,
Que ficaſte á chuva expoſta,
E ao deſabrido Suaõ.

Lembrado, que as ſaudades,
Neſta auſencia haõ de quebrarte,
Com as minhas ternas Cartas
Quero algum alivio dar-te:

Bem ſabes, que Amor daninho,
Que ás tontas faz mal, e bem;
Dos males, que ſuſtentamos
He quem ſó a culpa tem.

Elle

Elle de propria vontade,
Fez-me ver Anarda bella,
Anarda de quem distante
O susto meu sangue gela.

Porque viste Lyra minha,
Tudo quanto vou contar,
Ao leres estes meus versos
Has-de triste suspirar.

Tinha-lhe Amor no semblante
Bafejado tal ternura,
Que em mim fez o que costuma
Fazer em nós fermosura.

Cŏ os olhos mais pretos inda,
Que o manto da noite negra;
Ferio-me a Pastora linda,
O que vendo Amor se alegra.

Vi nelles hum naõ sei que,
Que nem eu posso explicar;
Hum naõ sei que, que me abraza,
Que me faz constante amar.

Sen-

Senti n' alma o doce effeito
Dos tiros, que Anarda fez:
Meus olhos já d' amor cheios
Ergui huma, e outra vez.

O temor, com que os erguia;
E na Paſtora os fitava,
Era ſinal o mais certo
De que eu já vencido amava.

Nelles á Anarda moſtrei,
Que me tinha feito amar:
Moſtrou-ſe tambem ferida,
Com hum doce, e brando olhar.

Ficamos ambos contentes,
Approvando tudo, tudo;
Quanto os olhos tinhaõ feito
Tambem Amor fere mudo.

Ficamos ambos diſpoſtos,
A nos amar á profia;
Ella por mim já córava
Eu já por ella gemia,

Iſ-

Isto prova Lyra amada,
Que os olhos o trilho saõ,
Por donde Amor seu veneno,
Leva ao pobre coraçaõ.

Haja cautéla Pastores,
Que os olhos deixais vagar,
Lembrai-vos, que seus descudos;
Vossas magoas haõ pagar.

Huma fonte, hum alto Frexo,
Que nella vé seu retrato;
Foraõ mudas testemunhas
Deste amoroso contrato.

Para nos ver-mos, e amar-mos
Hia-mos mui cedo ao prado;
Quando vinha a manhã fresca,
Já via no passo o gado.

Cô os Loureiros de mistura
A Madre-silva viçosa,
No valle havia formado
Huma gruta deleitosa.

Nel-

Nella os ventos pelo Estio
Se acolhiaõ do calor;
Este apprasivel retiro
Tinha-nos disposto Amor.

Nesta gruta solitaria,
Em liberdade croava,
Anarda das frescas flores,
Das flores, que o valle dava.

Minha Lyra, o Sol nos mares;
Já se acabou de esconder;
Levou-nos comsigo o dia,
Vou meu gado recolher.

CARTA III.

Vai o Sol a nós tornando;
E seus claros resplandores,
Permittem jà que te escreva
A origem de minhas dores.

Em quanto o gado entretido
Vai a relva despontando;
De meu Amor os começos
Hirei como honte contando.

Na gruta, que Amor nós dera;
Croava a minha Pastora,
Das cheirosas, frescas flores,
Que abrem ao nascer da Aurora.

De minha Anárda na frente
Pareciaõ mais fermozas,
As amarellas giestas,
As Açucenas, e as Rozas.

As orvalhadas Boninas,
Mostravaõ mais viva a côr,
Nunca as flores saõ mais bellas
Que quando servem á Amor.

Dava-lhe cheirosa Murta,
Fresco Buxo verdejante,
E com elle o juramento
D'amala sempre constante.

Por Amor induſtriado
Dei-lhe d' oiro hum coraçaõ
Com as fitas roxa, e verde,
Que eſperança, e magoa ſaõ.

Minha Anarda carinhoſa
Naõ querendo ſer-me ingrata,
Com fitas das meſmas cores
Deu-me outro de branca prata.

No verde moſtrei dezejos
De que o noſſo Amor duraſſe;
No roxo o medo pungente
De que em nós Amor findaſſe.

Paſſado mui pouco tempo,
Vi meu juſto verdadeiro:
Hum Amor ditoſo, e firme,
Dura pouco tempo inteiro.

Minha Anarda amava terna,
Eu tambem por ella ardia,
Cada hum de nós ſuſpirava
Sempre, que auſente ſe via:

Alguns dias venturoſos,
Paſſaraõ por nós ligeiros;
Mais leves, que os ventos leves;
Mais, que os declives ribeiros.

A pezar da torpe enveja,
A pezar do odio feroz,
Cô ſangue de amor o fogo
Circulava em ambos nós:

Porém a ſorte meſquinha,
Que ninguem ditoſo quer;
Em nós taõ doce ventura
Naõ quiz por mais tempo ver.

Arrancou a linda Anarda
De meus apertados braços,
A priſaõ, que nos unia
Fez cruel em mil pedaços.

Hoje ſuſpiro por ella,
Sem a pura fé quebrar;
Morda-ſe raivoza a ſorte,
Que ſempre heide Anarda amar:

Assim Lyra o prometi,
Quando della me apartei;
Repeti com triste pranto,
Que entre gemidos soltei.

Queira Amor Pastora amada;
Que se te eu tornar a ver,
Em ti veja, que mereces
Os males, que vou sofrer.

Ella coitada gemeo,
Foi-se de mim muito além;
Fiquei Lyra desgraçado,
Ficaste infelis tambem.

CARTA IV.

A Viçosa Primavera
De Açucenas Coroada,
Com flores vem matiſando
A freſca relva orvalhada.

Graças aos Ceos, que veſtidos
Já vejo os amenos prados:
Já ſem ſuſto os manſos gados
Andaõ no paſto entretidos:
Os ventos rijos ſaõ hidos;
Entre as folhas da verde Era
Brincaõ Zefiros: a Pera
Rubra ginja eſtaõ em flor;
Já vem o tempo de Amor,
A viçoſa Primavera.

O Inverno co' a escuridade
Foise croado de neve;
O Sul foisse: o Norte leve,
Espalhou a tempestade:
Já do Sol a claridade
Desfez a nevoa afumada:
Em longa nuvem doirada.
A' doce Primavera rindo,
Vem a nos com rosto lindo
De Açucenas coroada.

As Aves já cuidadozas
As loiras palhas colhendo,
Andaõ seus ninhos tescendo
Por entre as ramas umbrozas:
Já a Truta as escabrozas,
As fundas lapas deixando,
A' flor da agua anda saltando:
A Estaçaõ mais amoroza
O Prado, e serra escabroza
Vem com flores matizando.

Ay minha Anarda conſtante,
Corre deſce aos verdes prados;
Eſperaõ por ti juncados
De flores qual mais galante.
Minha Lyra ſempre amante;
De ſacro louro enramada
Por ti chama; ſe lembrada
Inda eſtás de teu Paſtor,
Anda, que já trilha Amor
A freſca relva orvalhada.

Quaõ diffrente eſtá meu peito
Do que Lyra minha eſtava:
Quando taes verſos urdindo
Por Anarda ſuſpirava.

Eu entaõ chamava Anarda,
E logo a coitada vinha:
Hoje grito, e naõ reſponde
Morrer entaõ me convinha.

Agora, que a Primavera,
Reverdece estes oiteiros;
Hoje, que mais claros correm
Do monte abaixo os ribeiros:

Com os bicos vendo as aves
Ao Sol as penas compor;
Vendo aqui chegado o tempo,
Em que he mais travesso Amor.

Vendo c'o as frautas sonoras,
Os singelos guardadores;
Logo ao raiar da alvorada
Despertarem seus Amores.

Em quanto abraçaõ contentes,
A's Pastoras namoradas;
Que por ser mui cedo ainda,
Inda chegaõ destoucadas.

Lembrado d'aquelle tempo.
Para mim taõ venturoso;
Em que minha Anarda aos prados
Vinha fazerme ditoso.

Pelos vales, e ribeiras,
Essas decimas repito;
E até do Tejo nas praias
Mil vezes as tenho escrito:

Mas o rio, que adevinha,
Que minha Anarda naõ vem;
Outras tantas espraiado
Meus versos riscado tem.

Mais gemer naõ pode o peito;
Nem meus olhos mais chorar:
Eu naõ sei dor taõ aguda
Onde irá comigo dar.

CARTA V.

DESDE o sitio pobre Lyra,
Onde a escrever me preparo,
Effeitos de hum triste Amor,
Que já por constante he raro:

Sol-

Soltando a vista descubro
Agoas, que por naõ ter fim;
Comparo ás estensas dores,
Que hum triste Amor poz em mim.

Vejo estar-se baloiçando
O vasto, azulado mar,
E as ondas de espaço, a espaço
Brancas madexas soltar.

Humas tras outras fervendo
Trepaõ pela praia acima;
Ou se desfazem nas penhas,
Que o furor naõ desanima.

nda que as cortadas rochas
Saõ de negra cor escura,
As ondas ao quebrar nellas
As forraõ de crespa alvura:

aõ verdes as curvas ondas,
Quando trepaõ huma, e huma,
Mas logo ao tocar na areia
Se vestem de branca escuma.

Saõ

Saõ quaes alvas Açucenas,
Que saõ verdes no botaõ;
Mas quando as folhas desdobraõ
Aos olhos brancura daõ.

Saõ como os prados, mais verdes
Que ao irse a noite enlutada,
Affresca Aurora nos mostra
Cobertos d'alva geada;

Vaõ ao mar de branco as ondas,
Voltaõ outra vez de verde;
Tambem c'o os raios do Sól
O prado a brancura perde.

Esta alternada mudança;
Este mudar de figura;
Prende, mas ah naõ suffoca,
Minha teimosa amargura.

Assim como as alvas ondas,
Se quebraõ entre os penedos;
Fluctuaõ dentro em minha alma
De Amor passados enredos.

Mynha Lyra vim á praia
Por ver se a vista do mar;
Divertia meu tormento,
Abrandava o meu pezar.

Mas sendo de Anarda a ausencia,
A causa, que me atormenta,
Mal pode o Mar alegrarme,
Quando nas penhas rebenta:

Adeos Lyra, a tarde vaisse
Emvolta em nuvens vermelhas:
E eu triste vou para os campos
Buscar as mansas ovelhas.

CARTA VI.

OS galos apenas dormem:
Já cantaõ pelos casaes;
Cantaõ ledos, quando eu triste
Suporto dores mortaes.

To-

Todos agora descansaõ,
Eu sofro males sobejos,
Males comque me aguilhoão
Meus mal avindos desejos.

Desejos, que haõ de matarme
Sem a constancia attender,
Comque apenas vi Anarda
No meu seio os fiz nascer.

Eu os fis nascer em mim,
Minha Anarda os foi criando,
E hoje depois de crescidos
Vaõ-me as entranhas rasgando:

De minha querida Anarda
Vaõ apoz os olhos ver;
Naõ posso a ella levalos,
Nesta lida heide morrer:

A calada noite escura,
Tudo de preto forrou;
Aos Lyrios, Cravos, e ás Rozas,
Aos prados a còr tirou.

aminhando vai sem bulha,
E se algum rumor se sente,
He o que faz dos ribeiros
A sonoroza corrente.

ntre as tortas Oliveiras
Os tristes Mochos sinzentos,
Com agudos guinchos tristes
Acompanhaõ meus lamentos.

ntre as balsas espinhosas
O feio Cuco metido,
Com vozes mui compassadas
Tambem segue o meu gemido:

s galos impertinentes,
Vagos Mochos agoureiros;
Tristes Cucos penugentos:
Seguem meus ais derradeiros.

is-aqui o triste estado
Em que Lyra gemo ainda;
Gemo, gemo, triste gemo
Por ver minha Anarda linda.

Os

Os que dormem socegados,
 Vivem com Amor ditozos:
 Ou livres de Amor descansaõ
 Por isso dormem gustozos.

Eu porém, que em meus Amores;
 Tive fim taõ desgraçado;
 Como nos meus olhos posso,
 Ao sono dar gasalhado.

Durma quem viver contente;
 Quem respirar satisfeito:
 Mas o coitado Myrtilo
 Gema no cazal estreito.

Vigie por sua Anarda,
 Por Anarda, que he seu bem;
 Por Anarda gema, como
 Por quem só gemer convem.

Se á vista da linda Amada,
 De mim fugia o pezar:
 Hoje aqui distante della
 Desfaleço a suspirar.

Roe o tempo o ferro, as penhas
Com fome, que nada abate;
O pezar roe o meu triste
Coraçaõ, que apenas bate;

Jà, Lyra da madrugada
Entra à luz no meu cazal;
Só em mim prazer naõ entra
Pois naõ o deixa meu mal.

CARTA VII.

DOCE Lyra he bem verdade,
Que ao triste, que geme ausente,
Só consola estar penssando
Na cauza do mal, que sente.

E assim de que vejas Lyra,
que ser constante convem:
Sempre d'e Anarda te fallo,
De Anarda, que he só meu bem.

O

O maior gosto, que eu tenho,
He sempre estar-me lembrando
Dos recebidos favores,
Do sitio, do modo, e quando.

E em prova de ser verdade
Tudo quanto afflito escrevo;
Se attenta meus versos leres
Veràs, eu faço o que devo.

Hoje estive recordando;
Humas cantigas, que fiz
N' hum dia, em que eu da graõ calma
Livrar minha Anarda quiz.

Has-de lembrarte do dia
Pois contigo lhas cantei:
Por final, que ao som do canto
Anarda aos bosques levei.

Eu tas mando, e considera,
Que assim como saõ diversos
Os tempos, tambem oh Lyra
Saõ differentes meus versos.

No-

No erguido cume
De Ceo luzente,
O Sol ardente
Já vai brilhar.
Alguma ſombra
Vamos buſcar

Os freſcos ventos
Do Sol queimados;
Boſques fechados
Vaõ procurar.
Alguma ſombra
Vamos buſcar.

Zefiros leves
Juntos em bando;
Vaõ revoando
Ao verde mar:
Alguma ſombra
Vamos buſcar.

Por entre as agoas.
  Batendo as penas,
  Ondas Serenas
  Vaõ despertar.
Alguma sombra
  Vamos Buscar.

O bravo Toiro
  Suando em fio,
  Ao claro rio
  Vai-se banhar.
Alguma sombra
  Vamos buscar.

Vez as Ovelhas
  Com seus cordeiros,
  Como aos ribeiros
  Se vaõ lançar.
Alguma sombra
  Vamos buscar.

Os olhos fita
Naquella Parra ;
Ouve a Cigarra
Leda cantar.
Alguma ſombra
Vamos buſcar.

Tudo nos Campos
Em calor arde,
Vamos, que á tarde
Podes voltar.
Alguma ſombra
Vamos buſcar.

Verás no ſitio
Para onde vamos;
Por entre os ramos;
Melros voar.
Alguma ſombra
Vamos buſcar.

Inda

Inda que os prados
Corras agora;
Huma Paſtora
Naõ haſde achar.
Alguma ſombra
Vamos buſcar.

Em quanto dormem
Os mais Paſtores,
Vem teus Amores
Terna afagar.
Alguma ſombra
Vamos buſcar.

Minha Anarda enternecida
O que nellas pedi fes;
Fomos tu, Anarda, e eu,
E Amor foi com todos tres.

Depois, que á ſombra chegámos....
Naõ poſſo mais eſcrever,
Sufocame a ſaudade,
Começa o pranto a correr.

CAR

CARTA VIII.

Em quanto o gado entretido
Pasta livre de cuidados,
Vou tratar contigo Lyra
De meus Amores fustrados.

Lembra-te quando na areia
Escreveo de Anarda a maõ:
De teu coraçaõ depende
A paz do meu coraçaõ.

Que eu vendo taõ bom começo
A meus impenes Amores;
Assim glozando implorei
Da bella Anarda os favores.

A minha tua alma acende
C'o doce fogo de Amor;
E a cura de tanto ardor
De teu coraçaõ depende.

Attende benigna, attende,
A' minha amante paixaõ:
Une á minha tua maõ:
Jura amár constantemente;
Ah tu tens d' um sim pendente
A paz do meu coraçaõ.

Logo a mimosa Pastora,
Veio ler muito apressada;
E eu vi... naõ sei que vi
Na linda face rozada.

Vi mais ternos os seus olhos,
Vi nas faces huma côr,
Que se o naõ era fingia
Mui bem, a que accende Amor.

Mas Deozes, o que entaõ vi,
Naõ era naõ fingimento,
Foi Amor tudo o que achei
Vestido de sentimento.

:m prova deixada Lyra
De naõ mentir a ternura:
Paſſaõ mezes, paſſaõ annos;
Noſſo Amor conſtante dura.

bes quantos deſconcertos
Temos ambos tolerado;
E com tudo ella ſuſpira,
E eu gemo della apartado.

ɔſtramos ao mundo todo
Quanto he mais ſublime Amor;
Quando abraza duas almas
Capazes de ſeu ardor.

minha Anarda adorada,
Arda em nós conſtante hum fogo;
Qne em brutas almas venaes,
No começo eſpira logo:

tu minha doce Lyra
A padecer continua;
Malles, que mais te atormentaõ,
Por naõ ſer a culpa tua.

Mas tambem naõ foi culpado
O Teu infeliz Paſtor :
As tuas, e as minhas penas
Saõ penas vindas d' Amor.

Soframos com paciencia,
Se o negro inverno fim tem ;
Póde ſer, que as noſſas magoas
O venhaõ a ter tambem.

Póde ſer, que Amor canſado
De ouvir os noſſos gemidos,
Nos dé mais doces momentos,
Momentos mais bem naſcidos.

Talvez nos faça ditoſos,
Entaõ eu te hirei buſcar ;
Do ſecco ramo onde gemes
Eu te hirei deſpendurar.

Pelos cardos eſpinhozos
De que te deixei cuberta,
Ornada de Bem-mequeres
Soarás contente, e certa,

Verte has enfim ditoſa,
Pelas mãos encordoada,
Pelas mãos, que tantas vezes
Me entregou Anarda amada.

Entaõ no fim da tormenta,
Cantarei, qual peſcador,
Que no mar onde gemera
Canta os triumphos d' Amor.

Naõ queiras oh Lyra triſte
A colher Amores táes;
Que em paga do gazalhado
Deixaõ diſgoſtos mortaes.

CARTA IX.

O Doirado Sol brilhante
Já vai ſubindo aos oiteiros:
As nuvens de nós fugiraõ;
Fugiraõ os nevoeiros.

Os

Os frios ventos ruidozos
   Jà de lutar fatigados,
   Descançaõ na branda relva,
   Nos Mal-mequeres doirados

Ah minha queixoza Lyra
   A tempestade acabou;
   Os montes já se aclararaõ,
   Em mim tristeza ficou.

Agora quero mandar-te
   Cantigas, que a Anarda dei;
   Quando de outra tempestade,
   Que fugisse lhe roguei.

Anarda, Anarda
   Foge do prado,
   Que em pouco tempo
   Virás molhado.

Foge comigo,
   Para a choupana;
   Aquella nuvem
   Já naõ me engana.

Traz

Trás, bella Anarda,
O negro ſeio,
De groſſa chuva,
De raios cheio.

Linda Paſtora,
Foge comigo,
Na minha choça
Tomar abrigo.

O viguroſo
Robuſto braço,
Co' a pederneira
Ferindo o aço.

Fogueira pobre
Logo acendendo,
A ſecca lenha
Verás ardendo.

Vem as maõs frias,
Vem aquecer,
Da tempeſtade
Vem-te eſconder.

As tortas vides,
Que hoje cultivo,
E a quem só devo
Respirar vivo.

Deraõ-me Anarda,
Doce falerno,
Com que resisto
Ao frio Inverno.

N'um arqueado
Breve tonel,
Fechado o tenho
He loiro mel.

Vem a torneira,
Tu mesma abrir,
Vem, que elle ferve,
Já por sahir.

Já me parece,
Que o estou vendo;
Na branca taça,
Cahir fervendo.

Elle afugenta
Do coraçaõ,
Dura agonia,
Trifte afliçaõ.

Logo, que elle entra
No peito a dor
Foge, e fó fica
Anarda... Amor...

Chora, chora quando as leres,
D' aquelle tempo lembrada;
Em que eras felis comigo,
E eu c'o a minha doce amada.

Entaõ os roftos naõ via,
Dos magros, dos feros damnos,
Julgava os dias por horas:
Hoje me parecem annos.

CARTA X.

DESTE ſitio mudo, e triſte,
Onde acazo vim parar;
De teu Paſtor deſgraçado
Quero-te novas mandar.

Aqui me cercaõ penedos,
Penedos mui levantados,
Taõ duros, que nem ſe abrandaõ
Com meus gemidos canſados.

Nas freſcas lapas, que formaõ,
Huns ſobre outros carregando,
Eſtaõ ſempre de contino,
Sonoras agoas manando.

Cobrem as muſgozas grutas,
Acanhados arvoredos;
Que tem as tortas raizes,
Entre os partidos penedos.

Quan

Humana vós naõ se escuta,
Nem dos gados o balido;
Eu julgo ser o primeiro,
Que neste sitio ha gemido:

Brandos Zefiros naõ voaõ,
Tudo está mui triste, e só;
Meus roucos, negros queixumes
Enchem o sitio de dó.

As agoas tem entre as pedras
Os seus tanques naturaes,
Onde vem na sesta ardente,
Refrescar-se os animaes.

No fundo da veia pura,
Que se reparte em remansos,
Se encrusaõ miudos peixes,
Que nadaõ mudos, e mansos.

Acho-me Lyra adorada
N'um sitio o mais bem disposto;
Para quem vive sofrendo
Picadas d'algum disgosto.

Aqui

Aqui neſte inſtante geme
Teu deſgraçado Paſtor;
Sem repoſta ás penhas conta
As deſventuras de Amor.

Aqui tenho todo o dia
Em vaõ triſte ſuſpirado;
Tenho ém vaõ por minha Anarda
Com triſtes gritos bradado:

Minha Anarda naõ reſponde,
E nem ao menos eſcuta,
As queixas com que Myrtillo
Eſte lugar mais enluta:

Sobre huma lage cumprida,
O teu Myrtillo deitado,
Eſpalha ſentidas queixas
Longe de Anarda, e do gado:

Em vaõ meu pranto derramo;
Solto gemidos em vaõ:
Em vaõ meu peito ſe canſa:
Em vaõ arde o coraçaõ:

Quanto he duro, quanto custa
Derramar tristes gemidos,
Gemidos, que no ar se perdem
Por naõ ser de Anarda ouvidos.

Depois minha doce Lyra,
De ter gemido a cansar:
Depois dos duros penhascos
Com triste pranto banhar:

Sobre a face d'uma rocha,
Que assombraõ copados ramos,
Eu, e a minha saudade
Esta memoria deixamos:

Belas Ninfas carinhozas,
Que estas lapas habitais,
Escutai os meus gemidos,
Escutai, meus tristes ais.

Se a minha fermoza Anarda
Por acazo aqui chegar,
Dizei-lhe, que seu Myrtillo
Aqui veio suspirar.

Nil-

Nisto me apartei deixando
As frescas agoas, e as penhas:
Os ventos, que com seus sopros
Movem do arvoredo as grenhas.

Proferi com vós cançada;
Daime, daime alentos Ceos,
Adeos, adeos fresca Cintra:
Campinas da Granja adeos.

CARTA XI.

EM quanto no fundo vale,
Entre os copados faiaes,
Elpino rico vaqueiro
Derrama queixas mortaes:

Em quanto a sanfonha aflita
Com seus sons entristecidos,
Do pobre Elpino deixado
Hoje acompanha os gemidos.

Eu minha queixoza Lyra,
Voute efcrever minhas dores:
Dores, que fó me atromentaõ
Diftante de meus Amores.

Elpino com verfos triftes
Sufpende as aves no ar;
Porque Tirfeia perjura
Quiz de cuidados mudar.

Porque Tirfeia o deixou
Sufpira taõ triftemente:
Que os Tordós nas oliveiras
Prende co' gemer doente.

Dos garrulos Eftorninhos,
Com os ais attrahe os bandos,
Queixa-fe ante elles da ingrata
Com vozes, que excutaõ brandos.

Mas a minha dor excede;
Pois fem a raiva dos zelos
De minha Anarda conftante
Choro pelos olhos bellos:

Os aſſanhados ciumes
Inſpiraõ n'alma furor ;
A auſencia de minha Anarda
Leva mais ao fundo a dor.

Ciumes naõ tive nunca,
Porque minha Anarda bella ;
Delles me livrava amante
Com amoroza cautella.

O meu mal ſaõ ſaudades ;
Saudades verdadeiras,
Saudades, que naõ ſentem
As brutas almas raſteiras.

Saudades mais pezadas,
Que os erguidos, altos montes ;
Mais negras, que as Gralhas quando
A ſombraõ os horizontes.

E em prova, que as ſaudades
Sómente fazem meu mal,
Levem-me aos mimozos braços
De minha Anarda leal.

ôde ſer que tambem chore,
Ante a rozada Paſtora;
Mas eu ſei, que muitas vezes
Tambem de goſto ſe chora:

ôde ſer que tambem gema;
Que perca do roſto a còr:
Mas eſtes ſinaes declaraõ
Mais os exceſſos d' Amor.

)uviraõ de quando, em quando
O meu peito ſuſpirar:
Talvez, que alguns ais me fujaõ:
Mas naõ me ouviraõ queixar.

Antes quem tiver apego;
A ver de Amor os effeitos:
De minha adorada Anarda
Unido aos redondos peitos:

Verá como gemo ardendo;
E ſe entre o convulſo ardor;
Me eſcapar algum gemido
Serà gemido de Amor.

Gemerei, mas quaõ diversos
Seraõ entaõ meus gemidos:
Queimaraõ, e estes saõ frios
Porque saõ de dor nascidos.

Estes sinaes junto a Anarda
Seraõ sinaes de alegria;
Estes sinaes longe della
Ah! saõ sinaes de agonia.

Dize minha Lyra amada
Se achares, quem dezejar
Ver teu distante Myrtillo
De sentimentos mudar,

Que pessa aos Deozes sobranos;
Que Anarda me deixem ver,
Que nos seus amantes braços:
Me deixem com ella arder.

Nos meus ardentes excessos
Veraõ ali finalmente,
Que Myrtillo sò te escreve
Verdades, que n' alma sente.

CARTA XII.

NEsta vou contarte Lyra
Quanto póde a saudade,
Quado se cria n' uma alma,
Que serve á Amor de vontade.

Honte desci dos oiteiros
Para o valle de Cupido;
Co' o pezo das saudades
Ajojado, e oprimido:

Estendi-me sobre a relva,
Que matizavaõ as flores;
E em cada huma Lyra eu via,
Lembranças de meus Amores.

Pelos olhos das Popoilas,
Que no meio negros saõ,
Lembrei-me dos ternos olhos,
Que tantas magoas me daõ:

'elas encarnadas folhas,
Me lembrei dos delicados
Labios, que por tantas vezes
Com beijos fiz mais corados:

Os miudos Malme-queres
Tambem das folhas na alvura:
Dos lizos dentes de Anarda,
Me mostravaõ a brancura.

E quando attento pensava,
Que apinhados vaõ nascendo,
Lembravaõ-me as ternas graças
Que vaõ co' Anarda crescendo.

Os mimozos Malme-queres
Me fizeraõ mais lembrar,
Do tempo, em que as alvas folhas
Me fazia Amor contar.

Felis tempo, em que a Pastora
Muda em quanto repetia..
Bem..me..queres..Mal..meque
Esperava o que sahia.

'elis tempo, em que se as folhas
Findavaõ em Mal.. me.. querer
Ambos os peitos sentidos
Começavaõ a gemer.

Tendo assim de Anarda cheio
Meu amante coraçaõ;
Cuidando de minha Anarda,
Que apertava a linda maõ.

Com vós terna, que abrazada
Do quente peito sahia,
Táes versos ao vento dei,
Ao vento, que mudo ouvia.

=

Lembraste Anarda amada
Que a fera, a dura morte;
De Amor desfaz o laço,
Que o tempo fez mais forte.

Lembra-te o fatal dia,
Em que hemos de ficar,
Ou tu por mim, ou eu..
Por ti a suspirar.

Pois se ha de vir hum tempo
Taõ triste, e desgraçado,
Em que de Amor o laço
Hemos de ver quebrado.

Nos braços hum do outro
Contentes respiremos;
E em quanto dura a vida
Amemos sempre amemos.

Mil beijos terna aceita;
Dois mil me torna a dar:
Em quanto, a fera morte
Nos deixa respirar.

Depois de tornado a mim;
Reflecti no que podia:
Hum espirito sensivel,
Em que livre Amor ardia.

Espalhei a vista, e triste
Vendo naõ podia achar,
A minha querida Anarda
Comecei a suspirar.

CARTA XIII.

O DIA, que hoje aclarou
Os abafados os oiteiros,
Trás fobrancelhas cahidas;
Vem derramando chuveiros:

Os feros ventos zunindo
Os altos Pinhos facodem;
Quebraõ a furia nas penhas,
Que derrubar nunca podem.

Huns co' os outros encontrados
Andaõ fazendo rumor,
Que o manfo gado derrama,
Que affufta ao pobre Paftor.

As pardas nuvens ligeiras
Ao largo mar vaõ de geito,
Que mais rapidos fó voaõ
Os ais, que folta meu peito.

En-

Entre ellas o Sol doirado
Naõ póde moſtrar a frente,
A frente, que ardendo brilha,
Que faz naſcer a ſemente:

Metidas humas por outras,
Vaõ os oiteiros cobrindo;
Groſſos pingos de agoa pura,
Vaõ ſobre os montes cahindo.

Eu da chuva recioſo,
Seguido de meus cuidados,
Buſquei huns duros penedos,
Penedos muito elevados.

Huns ſobre os hombros dos outros
Debruçados de contino,
Formaõ eſpaçoſa gruta
Que acolhe ao lobo ferino.

As verdes Eras folhudas
com o Muſgo de miſtura,
Forraõ as broncas paredes
De huma viçoſa verdura;

De

Desde està gruta formada
Pela ſabia natureza,
Eſpreitei toda a manada,
Que achà nas balſas defeza.

No rigor tempeſtuozo
Deſte deſabrido dia,
Repeti verſos, que dei,
Suportando a eſtaçaõ fria:

Neſta Carta vou mandar-tos
Meu Inſtrumento infeliz,
A fim de veres me lembra
Quanto por Anarda fiz.

O Inverno triſte, eſcuro;
Em pardas nuvens ſentado:
Ao Otono vai ſeguindo,
Que delle foge aſſuſtado.

Ah que he isto? Hum vento frio
Os meus nervos entorpece,
E até mais lento parece,
Que se move o fresco rio;
Dos ramos o gelo em fio
Pende cristalino, e puro:
Anarda a frauta penduro
Deste Choupo desfolhado;
Pois vejo vir carregado
O Inverno triste, escuro.

O ar tem-se escurecido,
Os frios ventos ruidozos
Pelos valles mais umbrozos;
O arvoredo tem despido:
Nos tortos ramos tescido
Vejo o ninho, que occultado
As folhas tinhaõ; meu gado
Para o curral quer fugir:
Tu naõ vez o Inverno vir
Em pardas nuvens sentado.

congelado o ribeiro
Os pés do gado naõ molha:
Mas inda de verde folha
Se veſte o Pinho, e Loireiro:
Cedendo ao frio o Cordeiro
A lã curta á mãi unindo,
Com tremôr eſtá cahindo;
E diz com balido terno,
Doce Anarda, que o Inverno
Ao Otono vai ſeguindo.

gue-me tu amoroza;
A deſabrida eſtaçaõ,
Com frigida, longa maõ
Eſpalha a neve eſponjoza:
Tudo eſtá branco; á fogoza
Lavareda regelado
Aquecer-me vou: no prado
Só o Inverno agora habita:
Meu rebanho, Anarda imita
Que delle foge aſſuſtado.

Mi-

Minha Lyra tambem hoje
Grito por Anarda bella:
Grito Anarda... Anarda... Anarda
Mas já naõ comsigo vela.

CARTA XIV.

HOJE apenas acordei,
Meus amorosos cuidados,
Anojando-se em meu peito
Me opprimiraõ magoados.

Ergui-me logo gemendo
E entrei-lhes triste a dizer;
Que eu naõ tinha culpa alguma
De minha Anarda naõ ver.

Nada disto me bastou
Teimozos cada vez mais,
Me apartaraõ de meu gado;
De minha choça, e corrais.

Le-

Levaõ-me pela ribeira
 Hora abaixo, e hora acima;
 Fazendo-me das gemidos
 De que Amor só faz estima.

Sobi aos calvos oiteiros:
 Desci aos sombrios valles:
 Trazendo sobre os meus hombros
 Meus duros, pezados males.

Assim andei todo o dia,
 Como Pastor avexado;
 Qual toiro, que o ferro agudo
 Trás no pescoço cravado;

Depois do pobre meu corpo
 Ver-se rendido de andar;
 Na encosta d' um baxo monte
 Se deitou a descansar.

Ali triste, afadigado,
 A' sombra d' umas balceiras,
 Comecei a soltar queixas,
 Queixas de Amor verdadeiras.

Apenas os meus gemidos
Por entre os Pinhos voando,
Foraõ pelo fundo valle,
A minha dor eſpalhando.

Logo os Faunos, que quaes bodes
Tambem tem raxados pés;
Se chegaraõ para ouvir
Os males, que Amor me fez.

Sobre os fetos ſe deitaraõ
Todos à roda de mim;
Suſpenſos, mudos, quietos
Sem fazer algum motim,

As orelhas cabeludas
Eſpertos endireitavaõ,
Triſtes recebendo nellas
Meus triſtes ais, que voavaõ.

As hirſutas ſobrancelhas
Arqueavãõ piadozos;
Sempre, que entre os meus ſuſpiro
Soltava alguns mais queixoſos.

A viraçaõ inquieta
As folhas naõ ſacudia;
Os meus pés quaſi molhando
Mudo hum ribeiro corria.

Taõ eſtreito, que dos lados
Sobre a agoa as folhas dobrando,
Os roxos, os brancos Lyrios
Se eſtavaõ quaſi beijando,

O ar eſtava abafado,
Cahia grande calór,
Tempo, em que o gado na ſombra
Rumina mais a ſabor.

Do lugar a ſolidaõ:
Dos Zefiros o deſcanſo:
O ſilencio dos Sylvanos,
Que ſe chegavaõ de manſo:

Tudo minha amada Lyra
O teu Paſtor convidava,
A publicar ſuſpirando,
A magoa, que n'alma eſtava:

Com

Com effeito comecei,
A ſuſpirar de vontade;
E a contar entre ſoluços,
Quanto dicta a ſaudade.

Por minha gentil Anarda
Comecei a ſuſpirar:
E ſenti os meus cuidados
Menos ſobre mim pezar.

Como da Paſtora amante,
Eraõ louvor meus gemidos;
Começaraõ de affroxar
Quaſi de mim condoidos.

Mynha Lyra, pobre Lyra,
Meus amorozos cuidados,
Reſpirar me naõ conſentem
Longe dos olhos amados.

A minha querida Anarda
Deu-lhes logo obrigaçaõ;
De guardarem-lhe conſtante
Meu aflito curaçaõ;

Elles tambem lhe obedecem,
Que me naõ deixaõ folgar:
Fazem-me sonhar com ella
E nella espertò cuidar.

Assim vai o teu Myrtillo
Passando horas minguadas,
Infelizes, tristes horas,
Horas por mim taõ choradas:

Eu naõ sei como já posso
A tanto mal resistir:
Em vaõ minha alma cortada,
Em vaõ de mim quer fugir.

nda dura no meu peito
O calor, que prende a vida,
Vida triste amargurada,
Sempre de negro vestida:

Quem será, que se naõ tema
Do mesquinho duro Amor,
Se por instantes de gosto
Faz pagar annos de dor.

CARTA XV.

ESPERANÇA naõ me anima
De que Anarda, torne a ver,
E com tudo Lyra triste,
Quero por ella gemer.

Quero gemer por Anarda
Para aos Pastores mostrar;
Que he falso dizer, que a ausencia
Pode os Amores matar.

Aquelles, que venturozos
Nos regaços das Pastoras,
Tratando de Amor cuidados
Gastaõ presurozas horas:

Quando deftas minhas Cartas
Tiverem findado o ler,
Juraraõ, que todos nellas
Podem constancia aprender.

Eu minha queixoza Lyra
Morder os outros naõ devo,
Para ter campos, ou vinhas,
Meu verso ás Muzas naõ levo.

Escrevo para dar folga
As magoas, que na alma sinto;
Escrevo coizas passadas,
E no que escrevo naõ minto.

Escrevo para aos humanos
De huma vez desenganar;
Que eu em vez de fustigalos
Quero co' os versos brincar.

Brincando de meus Amores
Co' fagueiro, terno bando,
Para emprezas de mor lote
Vou-me comigo ensaiando.

Em huma das negras noites,
Que o negro inverno bafeja,
Quando a lenha ardendo estala,
Quando ardendo o Ceo troveja.

Quando em companha dos outros
Junto ao acezo fugaõ,
Ouvindo, e contando hiſtorias
Paſſava alegre o ſeraõ.

Hum Paſtor dos mais antigos
Homem de graõ tino, e ſizo;
De mui maduro conſelho
De jà conhecido avizo:

Contou que neſtas ribeiras
Houve hum grande caõ de gado,
Que ſendo ainda cachorro
Foi por hum Paſtor lezado:

Foi o cachorro creſcendo
Na lembrança conſervando,
O mal, que lhe haviaõ feito,
Já na vingança cuidando.

Em quanto ſentio as prezas
Piquenas para morder;
Foi nutrindo em ſi calado
Deſejos de mal fazer.

Andava por brinco ſempre
As pedras, e páos mordendo,
Os dentes para a vingança
Deſte modo endurecendo.

Logo, que os julgou capazes
Da premeditada empreza;
Entrou a ſeguir conſtante
O Paſtor, que nada o preza.

Procurando ocaziaõ
De colher ſó ao Paſtor,
Para nelle em liberdade
Derramar o ſeu furor:

N'um dia do acezo Julho
Veio-lhe a hora funeſta,
Tinha o pobre adormecido
A' ſombra de huma Gieſta:

O caõ mal intencionado
Movido por ſeu rancor,
Fez em pedaços raivozo
Ao coitado do Paſtor:

O corpo delacerado,
Palpitando eſtremecia,
E o caõ da vingança alegre
O quente ſangue lambia.

Deixem-me viver quieto
Pois eu os deixo tambem:
Olhem, que de má ſemente
Colheita boa naõ vem.

CARTA XVI.

MINHA crua ſaudade
Hoje Lyra me levou,
Para hum ſitio ſolitario
Onde já Aonio (*a*) cantou;

O Mondegó ſoſegado,
Para o mar ſe hia arraſtando;
Mudo, triſte, e penſativo,
Os verdes juncos molhando.

(*a*) Ferreira.

N' alguns brancos, roxos Lyrios,
Que as agoas ali criavaõ,
Os Favonios inquietos
Fexando as azas pouzavaõ.

A mimoza Primavera
Tinha feito florecer,
As espinhozas Rozeiras
O doirado Mal-mequer.

Entre as inda tenras folhas
Dos Freixos, e dos Salgueiros,
Os negros Melros cantavaõ,
E os Pintasirgos ligeiros.

Ao mesmo tempo remando
Os singelos Pescadores,
Cantavaõ sonoros versos,
Aos seus felizes Amores;

Outros os buzios torcidos
Co' as chejas bocas soprando,
Vinhaõ co' o zumbido rouco
O rio, e vale atroando:

Mas co' o fom defentoado
  Hum roxinol naõ parava;
  Que fobre a minha cabeça,
  N' um alto Cedro cantava.

Soltava do brando peito
  Humas vozes taõ fonoras,
  Que meu mal teve fufpenfo
  Por algumas poucas horas.

Todo alheio o efcutava,
  Quando hum Milhafre malvado,
  Nelle crava as curvas unhas.
  Só por me haver confolado.

Aos altos Deozes entaõ
  Contra a má ave gritei,
  E tornando á faudade
  Cheio de dor exclamei.

=

Deozes fupremos,
  Do Ceo brilhante,
  Fitai os olhos
  N' um trifte amante.

Que

Que naõ vos pede
Gados, nem terras;
Nem ter dominio
Nas altas Serras.

Naõ peço barcos
No largo rio:
Trigo que ceife
No secco Estio.

Naõ quero vinhas:
Altos lagares:
Nem frescas hortas,
Longos Pomares.

Quero sòmente,
Me concedais;
Se ouvis acazo
Meus tristes ais.

Que se o queixozo
Roxinol ama,
Sómente o tempo,
Que a vós derrama.

Minha Paſtora
Sem deſcançar,
Faſſais, que ſempre
Me poſſa amar.

=

Ao rio os olhos voltei,
E obſervei, que ſe movia
Taõ ſereno, que na areia
Pareceo-me adormecia.

Deſcia taõ vagoroſo,
Com taõ canſada carreira,
Que mais depreſſa ſe move
O gado, que tem gafeira

Entaõ a praia mais triſte,
A chorar me convidava,
A auſencia da bela Anarda
De Anarda, que eu naõ deixava.

Vendo-me della diſtante,
Anarda, Anarda gritei;
E ao depois emudecendo
Ao pranto as redeas larguei.

CARTA XVII.

DE minha Paſtora terna
As ternas Cartas amantes,
Que doce prazer me inſpiraõ;
Daõ-me ditozos inſtantes.

Com ellas aflita Lyra
Paſſo as noites a falar;
Só da linda amada as Cartas
Me podiaõ conſolar.

Nellas vejo retratados
Os ſeus ternos ſentimentos;
Vejo da alma a paixaõ doce
Do coraçaõ movimentos.

As linhas ſaõ deſiguaes
Naõ tem mui certa eſcritura;
Mas guiando a pena Amor
Erra as letras a ternura.

Co-

Como a galante Paſtora
No momento, em que eſcrevia
Tendo fita em mim ſua alma
O que dicta Amor dizia:

Sua alma para amar feita;
E o Amor nella a fallar,
Quem as Cartas ler podia
Sem no fim Anarda amar.

A pena mal aguçada
De minha Anarda na maõ,
Soltou palavras, que adoçaõ
Meu amargo coraçaõ:

Só ellas ſaõ o remedio
Contra a minha magoa dura:
Só elles conſeguem Lyra
Abrandar tanta amargura.

Quando co' as magoas danozas
Sinto minha alma abafada,
Abro de Anarda os eſcritos
A alma entaõ riſſe coitada.

Nel-

ella de Anarda as palavras
Sinto entrar ſuavemente;
O pezar vai-ſe abrandando;
A dor lhe he menos pungente.

ſſim como as freſcas agoas
Mataõ da ſede o ardor,
Aſſim as Cartas de Anarda
Soltaõ de minha alma a dor:

ſſe nellas doce Lyra,
Que falla conſegue ter:
Quando eſcreve huma alma terna
A quem faz Amor gemer.

llas veſſe bem, que a pena
Sempre hade ſer eloquente;
Quando ſe eſcrever com ella
Sem rodeio o que a alma ſente.

ıe expreçoens taõ vivas, doces;
Que enternecidos conceitos:
Que modo de expor ſegredos,
Que inſpira Amor em taes peitos:

As

As Cartas da terna amada
Guarda teu triste Pastor;
De huma alma de Amores cheia
Como o mais doce penhor.

Nellas por ventura minha,
Seu terno Pastor me chama;
Nellas sem rebuço ás claras,
Diz que meus excessos ama.

Nellas diz ... ah Ceos, que dita!
E naõ só por huma vez,
Diz que d'entre os mais Pastores;
Escolha só de mim fez.

Que para da natureza
Cumprir com a lei sagrada,
Só por mim contente ardia
Desejando ser amada.

Que vendo, que a natureza
Quando amar lhe persuade;
De escolher o amado objeto
Lhe concede a liberdade.

Me escolhera achando em mim
Hum final, que lhe intimava;
Ser eu para os seus Amores
Quem naturéza lhe dava:

Que ella entaõ muito contente
Co' a escolha de hum tal Pastor;
Deu graças a natureza,
Deu graças ao terno Amor.

Desde entaõ constantes sempre
Nos amamos; doce Lyra,
E em prova de amarmos firmes
Longe hum do outro suspira:

Adeos minha Lyra amada
Adeos, que naõ posso mais;
Pois se inquietaõ no peito
Por sahir meus tristes ais.

CAR-

CARTA XVIII.

Minha dor he taõ ſobeja,
Que já me cuſta a ſofrer,
Eu ando deſobſtinado
Já me naõ poſſo entender;

Homizieime co' os goſtos:
Fiz com o pezar amizade;
Tudo, tudo me amofina
Neſta triſte ſaudade.

Em quanto as Cabras trepando
Se penduraõ dos penedos;
Onde contentes deſpontaõ
Os Silveſtres arvoredos,

Em quanto as verdes Salgueiras
Que tem conſigo amargura;
E o montanhez Zambugeiro
Roem os Cabritos n'altura.

Eu

Eu nas eſtevas deitado,
Os olhos aos Ceos erguendo ;
Queixome dos duros males,
Dos males, que eſtou ſoffrendo.

Queixome da ſorte aveſſa ;
Da ſorte aveſſa, e meſquinha ;
Que para eſtranhas ribeiras
Me leva com maõ daninha.

Queixome do máo deſtino ;
Que me faz andar aſſim ;
Taõ avejado de magoas,
Que me cuſta andar em mim.

Depois de ter ſuſpirado :
Depois de ter condoido,
Com minhas queixas as pedras ;
E ter as aves detido.

Peſſo aos Deozes ſoberanos,
Que para amar me criaraõ,
Me deixem co' a bella Anarda
Seguir a lei, que dictaraõ.

Naõ refpondem; entaõ vendo,
Que meus gemidos defprezaõ:
A dor irrita os meus males,
E mais que nunca me pezaõ.

Era melhor naõ ter vifto
Do Sol a brilhante lus,
Que aufente da amada terna,
Soffrer pezares taõ crús.

Melhor era naõ ter vindo,
Ter quinhaõ na humanidade,
Que andar nos montes foffrendo,
Taõ amarga faudade:

Mas agora, que nafcido
Refpirar co' os outros vim,
D'huma vida taõ mofina
He precizo ver o fim.

He precizo á linda Anarda
Por me haver taõ firme amado,
Mosftrar fufpirando fempre,
Que naõ mudei de cuidado:

He precizo padecendo,
Sua conſtancia animar;
Dar-lhe exemplo, que a conforte
Para ileza a fé guardar.

As Paſtoras saõ mulheres,
A's deſconfianças dadas,
Quando as julgamos ſeguras,
Choramos vellas mudadas.

Vé Lyra de quantos malles
Minha alma eſtá combatida:
Julga tu qual eſcolheras,
Se morrer, ſe ter tal vida.

Mas cada hum viva ſugeito,
A' ſorte, que recebeo;
O ditozo ria embora:
Chore o que infeliz naſceo.

CARTA XIX.

HOJE Lyra ſobre hum monte
Me colheo a tempeſtade;
Mas d'uma alta, erguida penha
Eſcapei na cavidade.

A fria chuva mui groſſa,
Das ſoltas nuvens cahindo;
E as rajadas com que os ventos,
A fazem cahir zunindo.

O valle, e monte atroavaõ,
Com tempeſtuozo eſtrondo;
Hum retrato de minha alma
O dia ſe me hia pondo.

Entaõ co' a magoa cruenta,
Que por dentro me mordia;
E co' a triſteza do tempo,
Vè Lyra o que eu ſentiria:

Se eu entre as flores do prado,
Se eu da aldeia nos folgares;
Nunca de Anarda me eſqueço,
Nunca deixo os meus pezares.

Se nenhum goſto conſegue
Minha triſteza abrandar;
Vé tu lá qual eſtaria,
Ouvindo os roncos do mar.

Mais que nunca gemi triſte:
Mais que nunca ſuſpirei:
Mais que nunca a dor quebrome:
Mais que nunca ali chorei.

Quando os ventos furioſos
Quebravaõ nas penhas duras,
Minha pobre alma feriaõ
Triſtes, crueis amarguras:

Em quanto os tortos regatos
Hiaõ correndo barrentos;
Meu peito em ſoltar gemidos,
Perdia os froxos alentos.

Mas se eu visse a linda Anarda,
Por ella mesma te juro,
Meu prazer naõ perturbara,
Da chuva o triste murmuro:

Nem os ventos rugidores,
Nem os sonoros trovões;
Tu viste naõ conseguiraõ
Ferir os dois corações:

Quando ambos juntos podiaõ
Hum sobre outro palpitar;
Passados de Amor c'o fogo,
Zombavaõ do trovejar.

Se a medonha tempestade
Meu quente sangue esfriou;
Foi porque hoje della ausente
O teu Myrtillo encontrou:

Amor nos braços de Anarda
Dava-me doce callor;
Hoje meu sangue regella
Da ausencia o duro rigor.

Tu-

Tudo, Lyra o que te escreve,
Teu desgraçado Myrtillo;
Ponderar alguem naõ póde
Sem dentro d'alma sentillo.

CARTA XX.

NESTA Carta vou contar-te
Minha Lyra, a magua dura;
Em que eu gemi, quando a Lua
Estava na mór altura.

Tudo estava de côr alva
Onde os seus raios chegavaõ,
Os sitios porém mais fundos
Co' a negra côr se enlutavaõ.

Quando os Zefiros dormiaõ,
Dormiaõ ventos irozos;
Soltava aos quedos penhascos
Taes gemidos saudozos.

Ay Anarda, doce Anarda,
Que ditozo me fizeste,
Quaõ caros me tem sahido
Os gostos, que tu me deste:

Por teus amantes excessos;
Por teus mimos, e favores;
Quantas ancias hei sofrido,
Quantos sustos, quantas dores.

Pelo pranto que verteste
Penetrada de ternura,
Quantas lagrimas me arranca
Esta longa ausencia dura:

Se apertado nos teus braços,
Teus carinhos desfrutei,
Se entre os dois rozados peitos
Ardentes beijos soltei.

Se aos teus labios encarnados
Meus ternos labios uni;
Se nelles juntando as almas,
Eu cheio de Amor gemi.

Se com Lyrios, e Papoilas
Enaſtrei os teus cabelos;
Se juntei o teu meu roſto,
Se beijei teus olhos belos.

Minha terna, e doce Anarda
Se fui ditozo contigo:
Hoje de ti ſeparado
Gemo triſte ſó comigo.

Eſta maldita diſtancia,
Em que me poz o deſtino;
Fez-me de alegre, ſer triſte
Fez-me perder todo o tino.

O mais feliz dos amantes,
Fui de minha Anarda ao lado:
Mas hoje diſtante della
Sou Lyra o mais deſgraçado.

Nada por eſtes deſertos
Tem poder de me alegrar;
As meſmas aves cantando,
Augmentaõ o meu pezar.

Se os noſſos ternos Amores,
A ninguem faziaõ mal;
Porque fazeis altos Déozes
Noſſa vida taõ fatal.

Sois ovelhas mais ditozas,
Que o voſſo infelis Paſtor;
Por amar eu vivo triſte,
Vós ledas gozais Amor.

CARTA. XXI.

O VENTO, já ſe mudou;
Outro mais freſco, e ſereno
Do campo levou a nevoa:
Do campo onde triſte peno.

Já ſe vem as lizas flores,
Entre a molhada verdura:
Por entre os Lyros calada
Vai a agoa correndo pura.

Pela

Pela emaranhada balſa
A Madre-ſylva viçoza,
Se enlaça com os eſpinhos.
Parece entre elles fermoza.

As brancas flores miſtura
Co' os negros cachos de Amoras,
Que picaõ pintadas aves,
Pintadas aves ſonoras.

Minha Lyra coitadinha
Se te tivera eu aqui;
Taõ triſte naõ ſuſpirára
Como ſuſpiro ſem ti.

Quem tem de ſeu huma Lyra
Taõ doce como eras tu:
Soffrer naõ pode no peito
Hum pezar taõ duro, e cru.

Mas ſe as minhas ſaudades
Saõ da meiga Anarda bella,
De nada tu me ſervirás;
Nada poderás ſem ella.

Lon-

Longe da minha Paſtora
  Cantigas naõ ſei cantar;
  Sem os ſeus amantes olhos;
  Quebraõ-ſe os meus de chorar.

Minhas fadigas pezadas,
  Minhas danozas fadigas,
  Reſpirar me naõ conſentem
  De meu viver enemigas;

Sou Paſtor afadigado
  Com ſaudades daninhas;
  Que em mim fazem mais eſtrago,
  Que a lagarta faz nas vinhas.

Zelos, deſdens, ſaudades;
  Saõ males, que traz Amor:
  Dos tres ſofro as ſaudades,
  Saudade, he o maior.

A que vejo deſdenhoza
  Suponho de Amor carece;
  Por ella ſuſpiro menos,
  Pois ſuſpiros naõ merece.

Aquel

Aquella, que a outro amando
Por mudavel zelos dá;
Pela troca injuſta, e feia
Indigna de Amor eſtá.

Mas aquella, que conſtante
Auſente de mim ſuſpira;
He digna do amargo pranto;
Que Amor de meus olhos tira.

Saudades ſaõ o premio,
Com que ſe devem pagar,
Os queixumes, que derrama
Na auſencia, quem ſabe amar.

Minha linda, e doce Anarda
Suſpira de mim diſtante:
Meu nome repete ſempre;
Por mim geme a todo inſtante.

Por ſeu Myrtillo ſuſpira
Pela Varzia; ou na Levada
Por eſtar em mim cuidando,
Deixa andar ſolta a manada.

Dei-

Deixa o gado, que naõ pensa
Pastar nos já nados paens,
Até vello trazilhado
Pelos guardadores caens.

Póde ser, que a minha Anarda
Naõ guarde taõ pura a fé,
Mas cad'um os outros julga
Como na alma cad'um hé.

CARTA XXII.

Hoje Lyra em meu curraõ
Hum papel dobrado achei,
Vi nelle hum ramo de Buxo
Apenas o desdobrei.

Da constancia, em testemunho
Eu o tinha á Anarda dado;
Pois naõ ignoras, que o Buxo
Nunca se vio desfolhado,

Minha Anarda entre os dois peitos
O poz logo por fineza;
Eu por fineza tiro-lho
Com disfarſada deſtreza.

Apenas eu hoje o vi,
Eſtas cantigas lhe fiz;
Em premio da ſaudade,
Que eſpertar de novo quiz.

Ramo ſempre verde
De Buxo viçozo,
Que nas mãos paraſte
D' um Paſtor queixozo:

Torna ao ſitio, torna,
Onde já te viſte;
Pois naõ tens ventura,
Que eſperar d' um triſte.

Vai buſcar de Anarda
Outra vez o ſeio,
Diz-lhe, que me deixas
De mim todo alheio;

Dis-lhe, que molhado,
Nas lagrimas vais,
Que meus olhos vertem;
Que ouviste meus ais.

Que observaste a cór
Do rosto mudada;
Froxa á luz dos olhos
Dispersa a manada.

Que entre o ais queixozos,
Que espalhei ao ar;
O seu doce nome
Ouviste soar.

Mas naõ vàs ainda,
Espera hum momento:
Ah meu peito toma,
Toma novo alento.

Se o pezar te move,
Que vez no meu rosto;
Se acazo tu sentes
Vér o meu disgosto.

Faze-me ditozo,
Ou inda mais triſte,
Dizendo de Anarda
O que n' alma viſte.

Irrita, ou ſuffoca
Minha deſventura;
Dize-me ſe Anarda
Hade ſer perjura.

No ſeu quente ſeio
Vite eſtar contente;
Ah dize-me, dize?
O que nelle ſente.

Aquelle ſuave,
E doce calor,
Seria, ſeria
O que acende Amor.

O coraçaõ terno,
Que te fez pular,
Sentiſte ah dize?
Por mim ſuſpirar.

Nos triſtes gemidos,
Que ouviſte ſahir
Do peito; entre os ais,
Que eu tomara ouvir.

Naõ ouviſte o nome
Do infeliz Myrtillo,
Que a vida hoje dera
Se pudeſſe ouvilo.

Vaite embora, vai:
Dize, que eu ca fico,
De alegrias pobre,
De tormentos rico.

Que fiquei chorando
Entre o manſo gado;
Queixando-me triſte
Do rigor do fado.

Que as penhas: os troncos
As plantas as flores:
Se enclinaõ quando ouvem
Meus triſtes clamores.

Que por eſcutar-me
Os meſmos ribeiros,
Entretidos ficaõ
Por entre os Salgueiros.

Que o Tejo veloz
Quando magoado
Suſpiro, me eſcuta
Nas margens parado.

Que os peixes miudos
Em longos cardumes,
A' praia ſe chegaõ
Ouvir meus queixumes.

Que já na campina
Porque eu ando aſſim,
Naõ ha quem naõ tenha
Compaixaõ de mim.

Pede-lhe naõ queira
Perjura deixar,
A quem na conſtancia
Moſtra ſabe amar.

Jura, que eu por ella
Os mansos cordeiros,
Deixei hoje soltos
Vagar nos oiteiros.

Que tudo deixára
Inda, que o Monarca
Das terras me visse,
Que o mar verde abarca.

Que se eu de seus olhos
A vista gozára,
Ser mais felis inda
Que Amor me julgára.

Se vires naõ sente
A dor, que me mata:
Chama-lhe por mim
Falsa, vil, ingrata.

Mas alma, que he isto,
Que me has inspirado!
Naõ ves, que Myrtillo
Nasceo desgraçado.

A onde o vôo levantas?
Naõ ves, que deliras!
Lembrate, que Anarda
He porquem ſuſpiras.

Anarda perdoa;
Amor naõ te accuza:
Quem ama receia,
Quando o mal naõ uza:

Neſtes laſtimozos
Verſos, o que ſinto
Veras: Amor ſabe,
Que eu nelles naõ minto.

Naõ te enfades naõ,
Contra o teu Paſtor;
Eu julgo em teu ſeio
Sempre vivo Amor.

Bela Anarda aceita,
Minhas triſtes quexas;
Neſtas ſaudozas,
Mizeras endexas.

Busca meio Lyra minha
De á Anarda estes versos dar:
Se naõ pódes por ti mesma
Ve se lhos podes mandar.

CARTA XXIII.

SE destes longos valles, para os prados
Levar algum Pastor hoje a manada;
Antes, que a loira, e fresca madrugada
Solte os finos cabelos anelados:

Quando os alvos Cordeiros espalhados
Saltarem pela relva inda orvalhada;
Busque por todo o campo a minha amada;
Essa, que cauza só os meus cuidados:

He piquena de corpo: tem doçura
Nos olhos, e nas faces: suas cores
Saõ rubras, e trigueiras de mistura:

No seio, e tranças hade ter mil flores:
Minha Anarda respira só ternura:
Guard' em lugar d'ovelhas meus Amores.

Quando

Quando hoje Lyra acordei
Logo Anarda me lembrou;
E em prova de ser verdade;
Este Soneto lhe dou.

Nelle tu veras de Anarda
Sinaes, que a deixaõ bem ver:
Oxalá, que hoje a podera
Nos meus froxos braços ter.

Se a minha Pastora amada
Pudesse terno abraçar,
Em meus braços espirara
O cruel, negro pezar.

Naõ ha tronco nestes montes;
Que naõ tenha escrito em si,
O nome de Anarda terna
A cujo seio me uni:

Em todos se lê Anarda;
E as letras do nome brando
Para que o tempo as naõ gaste
Vaõ com as folhas guardando.

Sobre as meſmas penhas broncas
Formei eſtas letras puras;
E ha quem diga, que eſte nome
As pedras fez menos duras.

Quando os Paſſaros ſonoros,
Cantaõ por entre os Cinceiros,
Repetem de Anarda o nome,
Com gorgeios mui ligeiros.

Por entre as folhas, que ſoaõ
Fazendo os ventos rumor,
Repetem Anarda... Anarda...
Lembrate do teu Paſtor.

Em quanto as Paſtoras guardaõ
Os ſeus rebanhos queridos;
Repetem Anarda... em verſos
Que me ouvem cantar ſentidos.

Os meſmos gados conhecem
Já por coſtume eſte nome:
Naõ paſtaõ, quando o eſcutaõ
Inda que os arraſte a fome.

Entre as penhas Eco trifte,
Ou no mais fundo dos vales;
Diz Anarda..... taõ ſentida
Que moſtra ſentir meus males.

De ouvir-me ja com o uzo,
Tudo aqui geme comigo,
Todos ſentem minhas magoas
Magoas, que chorando digo.

Todos dezejaõ, que os Deozes
Já condoidos de mim;
Contigo feliz me faſſaõ
Pondo á dura auſencia fim.

CARTA XXIV.

INFELIZ, coitada Lyra,
Cujos malles vaõ avante,
Lyra minha, que nas magoas
A mim es taõ ſemelhante.

Tu foste taõ mal fadada
Como o foi o teu Pastor;
Quanto foramos ditosos
Se nos fosse amigo Amor.

Porém deve consolar-te
O que me anima tambem;
Anarda merece tudo;
Por ella soffrer convem.

Tu deves gemer por ella
Pois mil vezes te enramou,
Com cheirozo Rosmaninho
Que só para ti buscou.

Entre as negras escravelhas
Os Jacintos misturava,
Co' os Narcizos, e Junquilhos
Que o fresco valle criava.

Tu deves ser-lhe constante
Porque ella te dava flores,
Eu devo gemer por ella
Porque me deu seus Amores.

Mil vezes lhe prometeſte
Meus ternos verſos ſeguindo,
Que teus ſons contente davas
A ſeu meigo roſto lindo.

Hoje Lyra hum pegureiro
Deume huns verſos, que deixei
Honte na ribeira, quando
O gado a beber levei.

Saõ huns verſos ſaudozos,
Que á minha Anarda compuz,
Quando auſente de ſeus olhos
Naõ vi por tres dias luz.

Eu tos mando neſta Carta
Para tu melhór julgares;
N'um peito, que tanto amou,
Que taes ſeraõ os pezares.

Eu te rogo Lyra minha,
Que os leias com attençaõ;
Pois ſaõ verſos filhos da alma
Filhos do meu coraçaõ.

Tres dias ha bella Anarda,
Que naõ ſoa a minha Lyra;
De meu hombro pende muda,
Nem ſe queixa, nem ſuſpira.

Minha voz, em cujas azas
O teu nome ſempre voa;
Ah minha Anarda adorada
Tres dias ha, que naõ ſoa:

Alegres, nem triſtes verſos
Neſte eſpaço todo urdido
Naõ tenho Anarda, e apenas
Amor ſabe, o que hei ſoffrido.

Talvez digas offendida;
Que o firme, conſtante voto;
Que fiz de naõ paſſar dia
Sem dar-te verſos he roto:

Ah tu erras ſe aſſim penſas,
Mas Amor teu erro eſcuza;
Nenhum guardador faz verſos
Sem que lhos inſpire a Muza.

Minha Muza, bella, Anarda
  Sempre foi o teu semblante;
  Naõ te vendo, dize como
  Queres, que versos te cante:

Mas se o vejo o Deos benigno,
  O terno, e doce Amor inspira
  Versos mil, que alegre canto
  Ao som, que derrama a Lyra:

O doce fogo, que vejo
  Nos teus olhos fuzilar;
  Os labios; faces; as tranças;
  Ah tudo me faz cantar:

No teu lindo, terno rosto
  Colho da Muza os favores;
  Como as Nimphas, que ás mãos cheias
  Colhem pelo prado as flores.

Vendo-me porém ausente,
  Qual regato a quem faltou:
  O licor da fonte pura
  Assim triste, e mudo estou:

Com os braços encruzados
Corro todo o campo afflito:
E apenas Anarda .... Anarda ...
De quando, em quando repito.

Se queres pois doce amada,
Que eu cumpra o voto, que fiz;
Com as graças do teu rosto
Faze-me sempre feliz.

Sempre ao meu lado contente
Dá-me o prazer, que sohias;
Que eu juro Anarda com versos
Sempre coroar teus dias.

Se tres dias só de ausencia
Me cauzaraõ tantos damnos:
Vê Lyra, o que teraõ feito
Em mim de ausencia dois annos.

Naõ ha inda tanto tempo,
Que minha Anarda naõ vejo;
Mas o tempo crece sempre,
A' medida do dezejo.

CARTA XXV.

Ah minha ſonora Lyra
Onde eſtaõ aquelles dias;
Aquellas ditozas horas,
Que paſſar por mim tu vias.

Onde eſtaõ aquelles doces,
Aquelles curtos inſtantes,
Em que de Anarda amoroza
Beijava os olhos amantes.

Dias ah ditozos dias!
Dias da minha ventura
Fugiſteis, qual do Sol foge
A nocturna ſombra eſcura.

Foſte Lyra o inſtrumento,
Com que á minha Anarda bela,
Mil vezes contei as magoas,
Que me oprimiaõ por ella:

Foſ-

Foste Lyra o instrumento,
Com que mil vezes parar
Fiz ás nuvens ; com que as ondas
'Acalmei no crespo mar :

De alvos Alamos á sombra ;
Dos sempre verdes Loireiros ;
Dos Platanos deleitozos ,
E dos copados Cinceiros.

Tuas cordas sonorozas
Ferindo com alegria ,
Cantava á mimoza Anarda
Versos , que Amor influia.

De ti só fiava Lyra
Meus amorozos segredos ;
Segredos , que eu occultava
Aos mesmos duros penedos.

Tu meus versos repetindo
Gozaste minhas venturas :
Foste ditoza comigo ,
Hoje distante murmuras.

Talvez te lembres da tarde,
Em que eu para acompanhala,
Muito além dos noſſos prados
Saudozo fui buſcala.

De meu hombro pendurada
Tu me ſeguias conſtante,
Tu viſte como entre todas
Buſquei minha Anarda amante.

Com mais ancia naõ procura
Seu rebanho a réz perdida,
Quando de roazes lobos
Se vê no monte ſeguida.

Que eu das feras ſaudades
Que me ſeguiaõ fugindo,
De minha querida Anarda
Fui apoz o roſto lindo.

Tu viſte como inſenſato
A nenhum Paſtor falei;
Em quanto da terna amada
Os olhos naõ divizei.

Tu bem viſte ao encontrala
De meu roſto a rubra côr:
Nos olhos, em todo o roſto
Tu viſte ſinaes de Amor.

Tu me viſte nos ſeus braços
Meus dezejos animar:
Viſte-me gemer ardendo,
E abrazado ſuſpirar.

Que expreſſões entaõ ouviſte
Da boca do teu Paſtor:
Sem Amor a ninguem lembraõ
Os ditos, que inſpira Amor.

Lembra-te da côr vermelha,
Que o ſemblante lhe corava;
Naquelle feliz momento,
Em que aos peitos me chegava.

Tu viſte... meu pranto corre
Corre ſem ſuſto, ou pezar;
Olhos, que naõ vem Anarda
Devem coitados chorar.

A

Ao teu Myrtillo tu viſte,
Em quanto o folgar durou:
Como da amoroza Anarda
Os ſeus olhos naõ tirou:

E logo quando tornamos
A' noſſa aldeia outra vez;
Viſte deſgraçada Lyra
Os mimos, que Anarda fez.

Tu viſte como as Caſtanhas
Com os dentes me partia,
E como ás que eu lhe limpava
Ella contente comia.

Obſervaſte como firmes
Em Amor continuamos;
Como apezar dos diſgoſtos
Sem frieza nos amamos.

Se bem me lembro prezente
Eſtiveſte com prazer,
A todos os mais exceſſos,
Que Amor coſtuma a fazer:

Contentes aſſim nos viſte,
  Paſſar contentes a vida:
  Hoje nos vez deſgraçados,
  Em auſencia deſabrida.

Mas ah Lyra, que remedio,
  Gema o pobre coraçaõ:
  Queixas, ais, gritos derrame
  Inda, que os derrame em vaõ.

CARTA XXVI.

MINHA dura ſaudade
  Naõ ſe canſa de ferir-me:
  Mas ſóffro ſeus duros golpes
  Sempre amante, ſempre firme.

Se ella ſempre endurecida
  Meu cuidado morto quer,
  Apezar das teimas duras
  Heide conſtante morrer.

certeza de que gemo
Por minha gentil Anarda:
Para soffrer dá-me forças
Minha alma constante guarda:

inha Pastora querida,
He taõ meiga, taõ galante,
Que merece bem as magoas,
Que aturo della distante.

em das Pombas a ternura:
Tem a mansidaõ do gado;
He suave como as Rolas;
Tem de Amor o doce agrado.

s Deozes queiraõ naõ tenha
Das nuvens a má firmeza;
Das Burbuletas o genio;
Do falso mar a leveza.

em os olhos taõ amantes,
Que obrigaõ ás pedras duras;
A que por elles feridas
Sintaõ de Amor as doçuras.

El-

Elles fazem, que as Rozeiras
Dem flores no efcuro Inverno,
Que o tronco mais velho, e fecco,
Ao doce Amor feja terno:

A's Papoilas, e Boninas
Comunicaõ fogo tal;
Que o gelo mais frio, agudo,
Naõ lhes póde fazer mal.

Tem olhos taõ meigos, ternos,
Que em meus olhos produziraõ,
Tal effeito, que elles choraõ,
Depois, que táes olhos viraõ;

Tem a limpa, larga frente,
Liza, e com graça trigueira;
Mas que importa naõ fer clara
Piza de Amor a bandeira.

Tem cabello hum tanto efcuro,
Onde os pequenos Amores;
Efcondidos foltaõ duros,
Aguçados paffadores;

As lindas faces macias
Dos Morangos tem a côr:
Saõ encarnadas Cerejas,
Saõ faces, que abraza Amor.

A miuda boca doce,
De propoſito foi feita
Para berço dos Amores,
He boca aos Deozes aceita.

Os mimozos labios, rubros,
Mais doces, que o doce mel;
Naõ poſſo, Lyra, pintalos
Com taõ aſpero pincel.

Sómente dizerte poſſo,
Que taõ rubra, viva côr:
Naõ tem os vermelhos cravos:
Naõ tem outra alguma flor.

Os miudos, alvos dentes,
Tem oh Lyra tal brancura;
Que as brancas flores da Murta
Naõ os excedem na alvura.

El-

Elles entre ſi guardada
Huma doce lingua tem,
Lingua, que por tantas vezes,
Me chamou ſeu doce bem.

Lingua com que me tem dito,
De Amor coizas nunca ouvidas;
Finezas, que ſó proferem
Almas de Amor acendidas.

Lingua, que terna falando
Me abrazava o terno peito;
Lingua, que ao triſte Myrtillo
Homem de fogo tem feito.

Naõ repares, ſe eu parado,
Fiquei na ditoza boca;
A ella minha alma unida,
A mais dizer me provoca,

Dos inda novos dois peitos
Queria tambem fallar:
Os velhos porém ſeveros
Mandaõ-me a voz ſuffocar,

Ma

Mas que importa, que elles queiraõ,
De Amor o trono emcuberto:
Se a conſtante natureza
O moſtra ao menos eſperto.

Naõ quero emfim, que meus verſos,
Sejaõ julgados capazes;
De explicar miſterios claros;
Quero c' os velhos ter pazes.

Eu naõ quero dizer mais,
Já baſta, o que tenho dito:
Calo-me, pois ſinto o peito
Com dores novas aflito.

De minha querida Anarda,
Quiz a belleza pintar:
Para veres, que em minha alma
Sube o retrato guardar.

Naõ ha provas de conſtancia,
Que eu lhe naõ tenha dado:
Amor queira, Amor permita
Que naõ tenha em vaõ chorado.

CAR-

CARTA XXVII.

A NOITE vagaroza,
No carro azul ſentada;
De ſombra a mais delgada
Nos vai toldando o ar:
Em quanto Anarda á praia
Me eſcuta ſuſpirar.

Os Mochos ſacudindo,
As azas penugentas;
A's nuvens macilentas
Se querem remontar.
Em quanto Anarda á praia
Me eſcuta ſuſpirar.

Das

Das Rans, o canto rouco,
Nos charcos paludozos,
Meus triſtes ais queixozos
Naõ deixa reſoar.
Em quanto Anarda á praia,
Me eſcuta ſuſpirar.

A' rota penedia,
Que o verde muſgo veſte;
Feróz, raivozo enveſte
Bramando o negro mar.
Em quanto Anarda á praia
Me eſcuta ſuſpirar.

Meu curto, pobre barco
Em branca eſpuma envolto,
Da praia longe, ſolto
Nas rochas vai quebrar.
Em quanto Anarda á praia
Me eſcuta ſuſpirar.

No pino a branca Lua,
De nuvens mil cercada;
Naõ pode já coitada
Seus raios eſpalhar.
Em quanto Ànarda a praia
Me eſcuta ſuſpirar.

=

Minha amada triſte Lyra
Se vires noſſa Paſtora:
Eſtes meus verſos lhe entrega,
Que acabei de urdir agora.

Inda queixoza ſuſpiras,
Suſpiras por teu Myrtillo,
Aqui troncos, e penedos
Eſtaõ canſados de ouvilo.

As horas da fuſca noite,
Por mim paſſaõ mui cuidozas,
E até julgo, que ſe ficaõ
Para eſcutarme piadozas.

CAR-

CARTA XXVIII.

Muito tempo ha Lyra minha,
Que naõ ves huma só Carta,
Isto prova que o mao fado
De me ferir naõ se farta.

Tem-me feito a saudade
Taõ amargozo o viver,
Que de meu naõ tenho instante
Fogeme o tempo a gemer.

Arrasto huma triste vida
Mais pezada do que o chumbo;
Com as afliçoẽs naõ posso
Da que por Amor me incumbo.

Os dias saõme cumpridos
Passaõ por mim vagarozos;
Mas quando naõ foraõ grandes
Os dias aos saudozos.

Os

Os dias saõ-me enfadonhos;
Inda nos mesmos folgares;
Ando fugindo da gente
Para os desertos lugares.

Ando como homiziado
Buscando na espessa brenha;
Os apartados desvios,
Que alguem pizado naõ tenha.

Para alivio das lembranças,
Que me tiraraõ o tino;
Que fazem, que o mesmo sono
Hoje me seja mofino.

Pelas encostas dos montes:
Pelas picantes balceiras:
Pelos cumpridos valados:
Entre espinhozas piteiras.

Co' Anarda pintada n'alma
Colho os Oregos cheirozos;
A orvalhada Madre silva
Frescos murtinhos viçozos.

Logo

Logo amante faſſo croas,
  Iguaes na grandeza a aquellas,
  Com que de Anarda cercava
  As finas madexas belas.

Pelos galhos dos Loireiros
  Saudozo as dependuro,
  Sobre ellas chilrando as aves
  Fazem hum doce murmuro.

Como ellas saõ monumentos
  D'huma fiel lealdade,
  Das àves o terno canto
  He canto de ſaudade.

Niſto gaſto Lyra minha
  Hum tempo, que he deſgraçado,
  Porque paſſa ſem moſtrar-me.
  O lindo roſto engraçado.

CARTA. XXIX.

MINHA Lyra aqui chegaraõ
Noticias do trifte eftado:
A que te ves reduzida
Neffe tronco desfolhado.

Alguns Paftores amigos
Dizem fazes compaixaõ;
Que as chuvas teu feio inundaõ,
Que fofres o mao fuaõ.

Que naõ tens huma fó corda:
Que as efcravelhas cahiraõ:
Que os movera a piedade
O defprezo, em que te viraõ.

Contaõme todos a huma
Como trifte fufpiravas;
E a quantos por ti paffavaõ,
Trifte de mim te queixavas.

Ref-

Refpondilhes fufpirando,
Minha Lyra naõ faz bem;
Se acazo de mim fe queixa,
Pois eu padeço tambem.

Queixar-fe-hia com razaõ
Do fecco ramo pendente;
Se á noticia lhe chegaffe,
De que eu vivia contente.

Mas fe eu trifte vivo aflito;
Se gemo de noite, e dia;
Que muito, que minha Lyra
Tambem gema em agonia.

He ella d'um infeliz
Inftrumento defgraçado;
Pois gema, e em parte fofra,
O que por mim tem paffado.

Em quanto da aufencia dura,
Naõ chegar a ver o fim:
Dizei-lhe que abandonada
Hade fufpirar por mim

Que em quanto de Anarda ausente,
Meu triste peito suspira;
Naõ deve soar alegre
A minha querida Lyra.

Que pessa aos celestes Deozes,
Ponhaõ fim á dura ausencia:
E senaõ, que á dor sugeita
Padeça com paciencia.

Que em quanto vive o Pastor,
Que ao brando peito a chegava
Que em quanto viveo alegre
Alegres versos lhe dava:

Deve muda padecer
Rigores da má ventura,
E do seu Pastor queixozo
Lamentar a sorte dura:

E esperar, que o vil destino
Ou se farte de o ferir;
Ou do peito já cansado
Lhe fassa a vida sahir.

Entaõ ſim, entaõ bem póde,
Vendo morto ſeu paſtor,
Darſe a outro; mas que veja
Que iſſo prova pouco Amor.

Lembra-te queixoza Lyra,
Que no fim das tempeſtades;
Aſſim como a ſombra foge
Podem fugir ſaudades.

CARTA XXX.

NAS margens do freſco Tejo
Eſtendido ſobre a areia,
Hoje ſuſpirava triſte
Co' os olhos poſtos na veia.

Na veia, que ſocegada,
Hia para o mar deſcendo,
Em quanto eu ſaudozo,
Em vaõ ficava gemendo.

Aviſtaraõ-me de longe
Huns amigos Peſcadores,
Que em triſtes verſos guſtavaõ
Ouvirme cantar de Amores.

Era pela madrugada,
E com as redes nodozas,
Vinhaõ apanhar nas agoas
As Fataſas ſaborozas.

Depois de co' as longas redes
Abarcarem todo o rio,
Saltaraõ na praia donde
Teu Paſtor chorava em fio.

Logo todos me cercaraõ,
E me pediraõ rendidos;
Que em quanto as redes peſcavaõ
Suſpendeſſe os meus gemidos:

Que alguns verſos repetiſſe,
Dos que a paixaõ me dictava;
Daquelles, que o manſo Tejo
Com goſto de ouvir parava.

abendo, que os Peſcadores,
Goſtaõ lhes falem do mar;
Como os Paſtores guſtamos
De em gados ouvir falar.

ieguindo conſtantemente,
O que a ſaudade diz,
Co' eſtes verſos piſcatorios,
Comprir ſeus dezejos quiz.

Adeos barco; adeos oh redes;
Adeos praias; adeos mar;
Adeos, que me leva Amor
Minha Anarda a procurar.

Anar-

Anarda! quem do meu lado
Te affaſtou, triſte de mim;
E pude dormir aſſim
De minha Anarda apartado:
Dai-ma vós; que magoado
Gemer por ella me vedes:
Quem es tu, que a Anarda imped
Vir a meu ſeio? em que parte
Eſtás? mas eu vou buſcar-te,
Adeos barco, adeos oh redes.

Dos montes mais levantados,
No ſeio eſcuro entrarei,
Onde retumbar farei
Seu nome com altos brados
Pelas brenhas, pelos prados
Minha Anarda heide buſcar;
Por ella vou preguntar;
Aos gados, feras, aos montes,
Troncos, penhaſcos, ás fontes:
Adeos praias, adeos mar.

Ah Nercidas! ſoſegado
Tende hoje o mar neſta praia;
Onde o barco a eſta alta Faia
Deixo ficar amarrado.
Tende-me nelle cuidado,
Que eu em pago do favor
O Savel, que houver maior,
Dar-vos por Neptuno juro:
Ah meu barço eſtás ſeguro
Adeos, que me leva Amor.

Adeos Frexos, e Salgueiros
Onde as redes enxugava:
Adeos agoas, que cortava
Com remos ſempre ligeiros.
Adeos ternos companheiros
Com quem hia ao alto mar;
Meu barco ſe preguntar
Alguem por mim, e onde eſtou:
Dize que Amor me levou
Minha Anarda a procurar.

CAR-

CARTA XXXI.

Lembrando-me Lyra trifte
De que a longa, e crúa dor;
Aos meus já canſados dias
Ha de fim ditozo pôr.

Deſejando, que memoria
Fique ſempre entre os Paſtores,
De que Anarda, e ſeu Myrtillo
Morreraõ por ter Amores.

Pelos troncos, pelas penhas;
Deixo em verſos triſte expoſto,
O eſtado em que a auſencia dura
A mim, e á Anarda tem poſto.

E depois de noſſa hiſtoria,
Ter em mil partes eſcrito,
Com mão tremula, entre queixas
Que ſoltava o peito aflito.

No lizo, engrossado tronco
D' uma copada Nogueira,
Que regaõ as frescas agoas
Desta vistoza ribeira.

Lembrado de aquelle tempo
Em que á minha Anarda eu dava;
Ou flores, ou doce fruta,
Que para lhe dar buscava:

Vendo como o negro Inverno
Vai tudo a saque metendo,
Estes versos escrevi,
Que hirás com suspiròs lendo,

Naõ cuides naõ, que de Anarda
As posses, e alta nobreza,
Me obrigaõ a excesso tanto
Quem me obriga he natureza

Anarda, o negro Inverno desdobrando
As longas, creſpas azas vem dos prados
Lançando fóra noſſos pobres gados,
Que já ſe ajuntaõ pavidos balando:

Co' a frigida geada vai creſtando
Os cheirozos Jaſmins taõ cubiçados:
As Papoilas, Boninas, e os doirados
Giraſſois para a terra vaõ dobrando:

Dos verdes ramos deſprendeo a fruta:
Secca da Murta a flor em toda a parte:
A Laranja inda eſtá pouco madura:

Teu Myrtillo infeliz da ſua gruta,
Te envia, pois naõ acha mais que dar-te
Doces lembranças, que com ais miſtura.

CAR-

CARTA XXXII.

CONSEGUI querida Lyra,
Que os meus conſtantes Amores,
Hoje ſejaõ conhecidos
Pelas Nimphas, e Paſtores.

Como os de Leandro, e Hero,
Que taõ triſtes acabaraõ:
Como os de Piramo, e Tysbe
Que as Amoras arroxaraõ.

Todos os que aqui tem alma,
Capaz de goſtar de verſos;
Lamentaõ de meus Amores
Succeſſos taes, taõ adverſos.

Mas os ruſticos, e rudes,
Que tem alma taõ brutal,
Que jámais de affectos muda
Cantem bem, ou cantem mal.

Zombaõ de meus triſtes verſos,
Sem penſarem mais iguaes,
Que o louvor he vituperio
Quando ſahe de bocas taes.

Se os verſos de Orfeo ouviaõ
Penhas; e as feras hirſutas,
As almas, que delles mofaõ
Saõ mais duras, ſaõ mais brutas.

Devem pois, ſe paſſar querem,
Por homens de ſã razaõ:
Fingir, que goſtaõ dos verſos,
Inda que os oiſſaõ em vaõ.

Ah fujaõ de todo aquelle,
Que contra as Muzas teimar,
Pois com almas deſte lote,
Bem nenhum ha que eſperar.

Quem d' Amores for inimigo,
Evitem, pois de alma tal;
Que ſe oppoêm a natureza,
Vir naõ póde ſe naõ a mal.

CA

CARTA XXXIII.

MINHA Lyra abandonada,
Que longe de mim ſuſpiras:
D' Amor te livrem os Deozes,
Livrem-te de ſuas iras.

Se do tronco onde ficaſte
Alguem te quizer tirar;
Declara, que es de Myrtillo,
Que elle te deixou ficar.

Que reſpeite os Cardos ſeccos,
De que ficaſte enrramada:
Pois de hum triſte a Lyra deve
Naõ ſer por alguem tocada.

Que es infeliz inſtrumento,
Que o negro pezar enluta;
Que ha jà tempo, que de pranto
Te naõ pódes ver enxuta:

Que

Que tiveste a desventura
De ser teu dono hum Pastor,
Que nascendo á Amor sugeito
Desgraçado he por Amor.

Que já foste venturoza:
Que já soaste contente:
Que tiveste cordas de oiro:
Fita em laços côr ardente

Que de fresca Mangerona,
Que misturavaõ co' as Rozas
De minha amoroza Anarda
Vestiaõ-te as mãos fermozas:

Que mil vezes suportaste
O pezo de mil Amores,
Que pouzar sobre ti vinhaõ
Trazendo o cheiro das flores.

Que hiaõ sobre ti ficando
Taõ juntos taõ apinhados,
Que muitas vezes nas azas
Ficavaõ teus sons parados.

Que

Que á viſta da meiga Anarda
Como o gado ante o Paſtor,
Reſpeitozos ſe ficavaõ
Sem fazer algum rumor.

O alvo lenço deſpregando,
Ella ás vezes os chamava,
E entre os dois rozados peitos
Carinhoza os abafava.

Declara como invejoza
Muitas vezes te calavas,
Moſtrando no teu ſilencio,
Que ſer Amor dezejavas.

Dezejavas da Paſtora
Junto ao ſeio reſpirar;
No fogo de minha Anarda
Te querias abrazar.

Dize a todos, que chegaſte
A ver de Amor a ventura,
Mas que hoje obſervas coitada
Que hum feliz Amor naõ dura.

CAR-

CARTA XXXIV.

OXALA' me eu viſſe Lyra
Onde as plantas, onde as flores,
Eraõ mudas teſtemunhas
De meus conſtantes Amores.

Oxalá eu vira as penhas
Para as quaes triſte apontando;
A minha Anarda pedia
Tiveſſe o peito mais brando.

Se eu me vira em noſſos prados
Onde os Faunos, chucalheiros
Invejavaõ meus Amores,
Meus Amores verdadeiros:

Inda que a minha desdita
Foſſe Lyra taõ creſcida,
Que ſem ver a linda amada
Em gemer gaſtaſſe a vida:

Com

Cóm os troncos, penhas, flores;
Minha dor mitigaria,
Da ausencia dos bellos olhos
Saudozo trataria.

E a certeza, em que ficava,
De que elles a conheciaõ;
De que os gostozos segredos
De meu doce Amor sabiaõ.

Certamente abrandaria
Meu saudozo pezar:
Muito valle cóm que sabe
Occultas magoas tratar.

Lembrou-me hoje muito cedo
Huma letra, que cantava
Minha Anarda, e eu em tanto
Alegre teus sons lhe dava.

Desta ausencia o mal prevendo,
Vinha a cantiga a acabar;
Olhos meus chorozos olhos,
Vosso officio he chorar.

Lembrado déſtes dois verſos,
Cantei hoje eſtas cantigas;
Eu tas mando, pois com ellas
Sei que teus males mitigas.

=

Bella Anarda, que meus olhos
Já canſados de buſcar,
Neſtes campos ver naõ podem
Tu ſempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos,
Voſſo officio he chorar.

Por mais, que o fero deſtino
De ti me queira apartar;
Inda auſente, apezar delle
Tu ſempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos,
Voſſo officio he chorar.

Em quanto Anarda em meu peito
Hum coraçaõ palpitar,
Que taõ rendido te adore
Tu ſempre me has-de lembrar
Olhos meus, chorozos olhos,
Voſſo officio he chorar.

Nas campinas, junto ao rio:
 Nos fundos valles, no mar;
 Ou na aldeia, ou na cidade:
 Tu sempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos,
 Vosso officio he chorar.

Quando nos vastos Salgueiros
 Philomela se queixar:
 No fogo de Amor ardendo;
 Tu sempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos,
 Vosso officio he chorar.

Quando vir os niveos pombos
 Nos jogos de Amor cansar:
 Quando os vir mais abrazados
 Tu sempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos,
 Vosso officio he chorar.

Quando vir os Corvos roucos,
Sobre os chopos negrejar;
Pela côr de teus cabellos
Tu sempre me hasde lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos
Vosso officio he chorar.

Quando vir alguma Nimpha;
A longa trança soltar;
Por ser a tua mais longa,
Tu sempre me hasde lembrar.
Ol hos meus, chorozos olhos
Vosso officio he chorar.

Sempre, que as rubras Papoilas
Pelos prados encontrar;
Pela côr de tuas faces,
Tu sempre me has de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos
Vosso officio he chorar.

Quan-

Quando vir as duras penhas
Onde quebra irado o mar;
Por seres mais, que ellas branda
Tu sempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos
Vossos officio he chorar.

Bem sei Anarda, que ingrata
Meus laços pódes quebrar;
Mas inda partidos elles
Tu sempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos
Vosso officio he chorar.

Minha Lyra es mais ditoza
Que teu infeliz Pastor;
Valle mais soffrer o Inverno,
Que os desconcertos de Amor.

CARTA XXXV.

Os Paſtores Lyra minha,
Deſtes campos onde eſtou;
Tem os animos aveſſos;
A inveja a todos danou.

Andaõ-ſe os roſtos cortando;
Sem ſizo, vergonha, ou pejo:
Meus duros males augmentaõ
Sem razões, que entre elles vejo.

Se os homens em toda a parte
Saõ Lyra quaes ſaõ aqui,
Eu me pejo, porque entre homens
De taõ má laia naſci.

Huns ſaõ falſos; retrahidos,
Soberbos, vis, intrigantes:
Outros as más almas cobrem
Com enganozos ſemblantes.

Elle

Elles minha doce Lyra,
Tem taõ boa condiçaõ;
Tem almas, taõ ſans, e puras:
Tem taõ nobre o coraçaõ.

Que ao teu Paſtor deſgraçado,
Que em paz os deixa viver;
Que por genio, por officio
Seguilos no mal naõ quer,

Que do gado, e fato alheio,
Nunca diz, ſe he máo, ou bom:
Que delles nunca faz mofa
Inda ao cantarem ſem tom.

Andaõ de noite, e de dia,
Quaes vis cachorros ladrando:
Minha gaſta paciencia
Com teimas novas gaſtando.

Huns mordem meus pobres verſos;
Porque os naõ fazem melhores:
Outros ſaõ taes; que ſe finaõ
Porque eu te fallo de Amores

Blas-

Blasfemaõ, porque eu lhe digo
  Que tenho no ſeio Amor:
  Taõ rudes, que naõ reparaõ
  Ser mais feio o ſeu rancor.

Naõ deixo coitada Lyra,
  De nos outros meter maõ:
  Por julgalos inocentes
  Ja ſei Lyra o que elles ſaõ.

Se fazer quizeſſe aos outros
  O que me fazem a mim:
  Canſaria logo a foice,
  Sem ver da ciara o fim.

Mas os verſos mal dizentes
  Nunca te eu fiz entoar;
  E ainda, que as raiva os deſſe
  Nunca os viria a cantar.

A' força de penſar muito,
  A vil diſcordia aborreço;
  Por genio, da vil calumnia
  Vendo o ſemblante eſtremeço.

A ellas, e a elles vejo,
Com os crimes ajojados:
Sabem lhes ſei das mazelas:
E inda gritaõ deſcarados.

Perſeguemme aquelles meſmos,
Que me daõ tanto a falar:
Bom ſerá ſe a paciencia,
Onde elles querem chegar.

Cada qual tendo o telhado
De fragil vidro luzente:
Atiraõ ao meu pedradas
Ao meu que a penas ſe ſente.

Atiraõ, e o pior he,
Que me atiraõ confiados;
Queira Deos, que ao vir da feſta
Naõ digaõ mal dos cajados.

Mas ſe elles ſe afoitaõ tanto,
He porque ſabem mui bem;
Que Mirtyllo he melhor que elles,
Que aveſſa alma nunca tem.

Huma

Huma vez, que ſou humano
Naõ me atrevo a perſeguir;
Animaes de minha eſpecie
Antes os quero ſervir.

CARTA XXXVI.

Como eſtá deſerta a praia:
Como eſtá ſereno o mar;
Apenas a ruiva areia
As ondas podem molhar.

Parece todo eſtendido,
Verde vidro tranſparente:
Bate nas algozas penhas
Taõ brando, que ſe naõ ſente.

As belas Ninfas mimozas,
Nadaõ ao cimo das agoas;
Taõ alegres, que parece,
Que nunca tiveraõ magoas.

Seus

cus cabelos desatados,
Livremente andaõ boiando;
Do sol parecem cabelos
Sempre que ao pôr vai chegando.

Co' as pernas alvas, e os braços
Batendo o sereno mar;
O fazem luxuriozo
Por entre ellas espumar.

De quando, em quando aparecem
As carnes lizas nevadas,
Cuja vista o sol faz quedo,
Por entre as nuvens doiradas.

Ellas seriaõ capazes
De meus dezejos prender;
Se meus dezejos pudessem
A' linda Anarda offender.

Em quanto de espaço, a espaço
Manso o mar se baloiçava,
Ou sobre a miuda area
Na praia se espreguiçava.

Huã

Hũa das Nereidas bellas,
Que de longe me aviſtou,
Mirtillo na praia temos
Com aguda voz gritou.

Logo c'os globozos peitos
O dormente mar cortando;
Para a praia onde eu eſtava
Veio de tropel o bando.

Logo a praia todas nuas
Vem buſcando em brevidade;
Todas nuas ſem ter pejo
Pois no mar naõ ha maldade.

Sentaõ-ſe entorno de mim,
E logo huma mui fermoza
Pedio-me, que ali cantaſſe
Verſos a Anarda mimoza.

Eu que entre ellas naõ ſentia
Menos froxo o meu pezar,
Com voz triſte, e mui canſada
Taes verſos ſoltei ao ar.

Ma-

Madidos Deozes;
Tritoens amantes;
Ninfas galantes:
Ouvidos dai
Lagrimas triſtes
Por mim falai

Ferventes ondas,
Que ao Ceo ſubiz,
D'um infeliz
A' voz parai.
Lagrimas triſtes
Por mim falai.

Prendei os barcos,
Oh peſcadores;
De meus clamores
Ao ſom ficai.
Lagrimas triſtes
Por mim falai.

Montes, e prados:
   Rochedos broncos:
   Plantas, e troncos:
   Meu mal chorai.
Lagrimas tristes
   Por mim falai.

Sonoras aves,
   Vede meu pranto;
   Se eu triste canto,
   Tristes cantai.
Lagrimas tristes
   Por mim falai

Miudos peixes,
   Que hides nadando,
   Meu verso brando
   A ouvir chegai
Lagrimas tristes
   Por mim falai

Da arpera Serra,
Deixando as grutas,
Oh feras brutas,
A qui parai.
Lagrimas triftes
Por mim falai

Vinde efcurtar-me
Ternos Paftores,
E aos meus Amores
Sufpiros dai
Lagrimas triftes
Por mim falai.

Ouvi oh Deozes!
Meus votos puros,
De fer-me duros
Canfai, canfai.
Lagrimas triftes
Por mim falai.

De

De minha Anarda,
Ligeiros ventos,
Beijos aos centos
Hoje me dai.
Lagrimas triſtes
Por mim falai.

Delles em paga
A' terra amada,
Minha canſada
Alma levai.
Lagrimas triſtes
Por mim falai.

Em quanto Lyra cantei,
Todos mudos me eſcutavaõ:
Ouviraõ-me as ondas quedas:
Nem os favonios ſopravaõ.

CARTA XXXVII.

TALVEZ Lyra já repares
Nas cartas, que te eu envio,
Por todas hirem molhadas
C' um pranto, que verto a fio.

A malvada ſorte minha
Sempre em ferir-me preſiſte:
Rouboume Anarda, e por iſſo
Sempre no canto ſou triſte.

Vago de mim todo fóra
Pelas alpeſtres ladeiras,
Arraſtado por meus malles,
Por minhas longas canceiras.

Ando magro, e amarello,
Olhos roxos de chorar:
Quaiſi ſempre treſnoitado;
Sempre entregue, ao meu pezar.

Houve tempo em que ditozo,
Governei ditozo gado:
Hoje as ancias me governaõ;
Sou de magoas governado.

Em perder a minha Anarda,
Naõ perdi ſó meus Amores,
Meus Amores carinhozos,
A quem dou tantos clamores.

A graça perdi, e a arte
Com que entrava em deſafio:
Fui louçaõ, já fui briozo,
Hoje ſou Paſtor ſem brio.

Perdi o prazer ſincero,
Que me dava a louçainha:
Naõ tendo Anarda, naõ tenho
Nenhum dos bens, que antes tinha.

Perdi ſizo; perdi tino:
Perdi o Amor á manada;
Anarda me enriquecia:
Sem ella naõ valho nada.

Vi-

Vivi ſó por minha Anarda :
Só para Anarda naſci :
Ati Lyra, ao campo, a tudo :
Só por Anarda morri.

CARTA XXXVIII.

MINHA Lyra os Deozes Santos,
Te livrem do ardente eſtio :
Teu mal as Aves divirtaõ
Modulando ao deſafio.

Do noſſo ditozo Téjo,
Deſci honte á freſca praia ;
Pela branda luz guiado,
Que eſpalha o Sol quando raia.

Os Favonios inquietos,
Com os Zefiros ligeiros,
Voavaõ por entre os Frexos,
Adejavaõ nos Salgueiros.

Corria ſereno o Tejo,
Talvez foſſe penſativo,
Cuidando nas feras magoas,
Na crua dor em que vivo,

Naõ vi pelas margens longas
Sinal de gado, ou Paſtor;
Nem ſobre a manſa corrente
Barco, rede, ou Peſcador.

Sómente ao longe vi prezo
D'um enramado Salgueiro,
Co' a prova cravada em terra
Hum mui piqueno ſaveiro.

Vendome ali ſeparado
De todo mortal vivente:
Comecei deſta arte aflito
A dizer o que a alma ſente.

Verdes Frexos, e Salgueiros,
Choupos faias levantadas,
Penedos, miuda areia,
Agoas do Tejo delgadas.

Che

Cheirozas, rafteiras plantas;
Frefcos Lyrios, lindas flores;
Efcutai voffo Myrtillo
Efcutai os feus clamores.

Efcutai as magoas triftes,
Que hum peito trifte derrama
Magoas, que fempre atormentaõ
Aos feios, que Amor inflama.

Rudes troncos fem razaõ
Ouvi hum queixozos ais,
Ais, que folto amargurado,
Ferido de anfias mortais,

Ouvi huns ais difonantes
Que aos homens fazem furor
Os homens eftaõ perdidos
Defprezaõ os ais d'Amor.

Quando vejo, que fe enfadaõ
Por eu nos verfos moftrar.
Que em mim guardou natureza
Huã alma capas de amar.

Pe-

Peço-lhes, que se enfureçaõ
Com a agoa porque molha:
Com o fogo porque queima
Com os Frexos por dar folha.

Mas choro naõ por ser pobre
De campos, de choça, e gado:
Amor a pezar de tudo,
Amor faz-me desgraçado.

Pedras, troncos que insensiveis
Ignorais de Amor os damnos,
Escutai, quem vos procura
Fugindo aos duros humanos.

Amor descorou meu rosto;
Fez-me os olhos amarellos:
De roxo tingiu meus labios,
Empeçou os meus cabellos.

Os Amores de Myrtillo:
Deraõ cabo do rebanho,
Derramado quasi sempre
Pasta livre em campo estranho.

A'

A' minha ſonora Lyra
 Meu Amor deu triſte fim;
 Eu longe della ſuſpiro,
 Ella ſuſpira por mim.

Do galho d' um Chopo antigo
 A deixei dependurada,
 As aves ſobre ella cantaõ,
 Ella as eſcuta calada.

Talvez ſe lembre do tempo,
 Em que Myrtillo eſpalhava;
 Ao ſom das doiradas cordas
 Verſos, que Amor lhe dictava.

Talvez ſe lembre do tempo
 Em que as Graças, e os Amores
 Sobre Anarda, e no ſeu vate
 Lançavaõ pintadas flores.

Naquelle ditozo tempo
 Minha Anarda a enramava;
 Punha-lhe eſcolhidas cordas;
 Que eu louco de Amor pulſava.

Em

Em guanto vivi contente
  Foi ditoza minha Lyra;
  Mas hoje, que gemo triste
  Coitada tambem suspira.

Nas minhas felicidades
  Foi-me certa companheira:
  Mas hoje nos meus disgostos
  Ve-se dos malles herdeira.

A' vista da bella Anarda
  Momentos doces tivemos,
  Mas hoje distantes della
  Tristes de nós que faremos?

Gemeremos noite, e dia
  Nossos queixozos gemidos
  Oiçaõ Lyra as nuvens soltas
  E os penedos bipartido?

CARTA XXXIX.

INFELIZ, choroza Lyra
Tu gozas d' huma ventura,
Que ao teu Paſtor naõ concede,
A' tirana ſorte dura.

Co' as minhas queixozas cartas,
Que te leva o freſco vento
Conſoleite neſta auſencia,
Adocei o teu tormento.

Mas eu que gemo diſtante
D' um bem, que diſtante adoro:
Sem Cartas, ſem novas della
Suſpiro... ſoluço... chóro...

Das Sagradas, puras Nimphas
Vou triſte á ſombria gruta;
E de Pan aos pés lançado
Ais ſolto, que mudo eſcuta.

Pe-

Peço-lhe naõ, que as ovelhas
Cordeiros me dem dobrados:
Longas ciaras naõ peço:
Naõ peço eſtẽndidos prados:

Naõ peço de leite dornas,
Que tantos queijos me dem;
Quantos ſaõ os Mal-mequeres,
Que o Tejo nas margens tem.

Quantos cordeiros poſſuo,
Naõ dezejo ter colmeias:
Dos Faunos os dons naõ quero
Nem os mimos dás Napeias.

Só peſſo de minha Anarda,
Os amantes olhos ver:
Aquelles amantes olhos,
Que aſſim me fazem gemer.

Ver de minha Anarda o roſto,
He ſómente o meu dezejo:
Dezejo, que ha-de acabar-me
Se brevemente a naõ vejo.

Onde eſtá a doce amada ?
Onde eſtaõ os meus Amores ?
Onde eſtá o lindo objeto
De meus canſados clamores ?

Onde eſtá a doce amada ?
Onde eſtá, que tanto tarda
Ide Zefiros ligeiros
Buſcar-me, a gentil Anarda.

Levai-lhe nas brandas azas,
Meus ſaudozos gemidos :
Contai-lhe meus duros malles
Malles por mim padecidos.

Se ao levardes eſta Carta
A encontrardes n' algum prado :
Contai-lhe com triſtes vozes
O que por mim tem paſſado.

Dizei-lhe, que de Myrtillo,
As faces já naõ tem cor :
Que os cabelos naõ entrança :
Que he ſó de magoas Paſtor.

Que

Que em prova de que no peito
Seu nome conſtante guarda;
Pelos campos, praias, vales,
Grita Anarda.... Anarda... Ana

Dize-lhe, que nos inſtantes
Em que me julga eſquecido;
Lhe mando os meus triſtes verſo
Que hei com pranto humecido.

Que naõ ha por eſtes prados
Huma planta, huma ſó flor,
Que naõ tenha dô dos males,
Que padece o ſeu Paſtor.

Recebe queixoza Lyra
Eſtes meus ais derradeiros:
Ultimos ais, que derramo
Entre ovelhas, e cordeiros.

Vale mais qual bronca pedra
Naõ ter alma para amar;
Que longe da amada terna
Deſterrado ſuſpirar.

Adeos oh querida Anarda!
  Minha voz naõ pode mais:
  Da minha ileza conſtancia
  Saõ teſtimunho os meus ais.

Quem ſepararnos procura
  Mais ateia o noſſo ardor:
  Naõ quebraõ humanos braços
  Algemas que forja Amor.

Fim do primeiro Tomo.

N' examine dans mes ecrits
Ni l' ordenance, ni l'eſtyle:
Le ſentiment en fai le prix:
Ton eſprit brillant, et fertile
A le droit d' etre difficile:
Mais c' eſt pour ton cæur que j'ecris.

Bern. ep. 8.